

Flávio Tallarico

MACACOMEM — (título)

Um Animal Infeliz — (subtítulo)

(O que, em princípio, era para ser um livro de contos, por interferências estranhas à vontade do autor transformou-se em surpreendentes revelações sobre os espíritos, os extraterrenos (ETs), e as mudanças que acontecerão na Terra após o ano 2.000).

Copyright © by: Flávio Tallarico

Todos os direitos reservados

**Proibido a reprodução total ou parcial da obra sem
autorização expressa do Autor**

Tallarico, Flávio 1941

Descalvado São Paulo

Brasil

Dedicatória:

Para a minha neta **Letícia**,
ontem criança, hoje adolescente,
dedico esta obra (real ou fictícia?),
onde coloco tudo o que tenho em mente:
o sonho, a realidade, ou simplesmente
delírios de um escriba inconsequente...

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Os textos correspondentes às manifestações espirituais — tanto do espírito de Dalmo, como do médium que o recebe —, são propositadamente **repetitivos**. O mesmo acontece com a mensagem dos Espíritos de Luz Superiores (que o autor entendeu como ETs), que nos capítulos finais falam do mesmo assunto, enfatizando ser a repetição uma forma didática para melhor compreensão dos leitores. Seguindo orientação de amigos espiritualistas, o autor resolveu manter todas as mensagens na forma original — por se tratar de pontos de vista diferentes sobre um mesmo tema.

Este livro foi escrito durante o ano de 1995, e somente agora publicado. Apesar de após dezessete anos, a evolução da ciência e da tecnologia terem avançado além do que podia ser imaginado naquela época, o autor resolveu publicá-lo como foi escrito, sem atualizar nem corrigir conceitos, ou mesmo acrescentar novas descobertas, para que o conteúdo se mantivesse íntegro. Vale lembrar, como foi dito acima, que os colegas espiritualistas assim o solicitaram. Em atenção a eles, o autor conservou todos os textos como nos originais, mesmo que algumas colocações possam estar, no ponto de vista espiritual, científico e tecnológico, errados e defasados da atual realidade — ou mesmo desvirtuados com relação à verdadeira Doutrina Espírita, e também contrários aos preceitos das diversas religiões existentes em nosso Planeta.

Primeira Parte

MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS SOBRE A OBRA

*Manifestações do **Espírito de Luz de Grau Superior** (Mentor) que se identifica como Dalmo Corrêa Leal — nome que este espírito afirma ter recebido na Terra em sua última reencarnação, e que resolveu manter no Plano Superior. Todas as mensagens psicografadas ditadas por este Espírito vêm, no final, com a assinatura que usou durante sua última vida em nosso planeta: "a mais feliz de todas, entre as minhas outras vidas anteriores", como ele costuma sempre afirmar.*

*A mensagem do espírito de Dalmo, especial para este livro, foi psicografada por um médium brasileiro de renome mundial, através do qual ele sempre se manifesta. A identidade desse médium não poderá jamais ser revelada, em nenhuma circunstância, por exigência dos **Espíritos de Luz de Grau Supremo** (Benfeitores) — os quais só concordaram com as revelações contidas nestas mensagens se o nome do médium fosse mantido no anonimato.*

Estas mensagens somente foram autorizadas para constar deste livro, como orientação a seus futuros leitores. Portanto não poderão ser publicadas separadamente, visto que o seu conteúdo está intimamente ligado aos fatos narrados pelo autor — mesmo que estes fatos sejam vistos como uma narrativa de pura ficção, ou momentâneo delírio literário de um escritor trilhando caminhos desconhecidos.

1ª Mensagem de Dalmo

Prezados irmãos:

Faço esta manifestação em atenção ao pedido muito especial do médium que me incorpora. Juntos, temos trabalhado nestes últimos anos enviando as sábias mensagens dos **Espíritos de Luz de Grau Superior** (os Mentores) — com a indispensável autorização dos **Espíritos de Luz de Grau Supremo** (os Benfeitores).

Para melhor entendimento, devo esclarecer que também no Plano Superior a evolução espiritual continua — mesmo nos espíritos evoluídos que não mais necessitam reencarnar para continuar seu aperfeiçoamento.

Em outras dimensões do Universo ainda desconhecidas pela ciência dos homens existem, em fase intermediária de evolução, Espíritos de Luz de Grau Superior, os Mentores, mais conhecidos na Terra como Anjos: são os mensageiros de ensinamentos da **Luz Suprema Criadora** (ou vosso Deus). Acima dos Mentores, ou Anjos, em estágio final de evolução, estão os Espíritos de Luz de Grau Supremo, os Benfeitores, obedecendo, ambos, a uma hierarquia espiritual que vou explicar melhor no decorrer de minhas revelações — somente agora autorizadas, para complementar a obra “*escrita*” (na realidade psicografada) de forma confusa pelo autor deste livro.

Entendo que fica difícil compreender os motivos da publicação de tão importantes mensagens nesta pequena obra de um autor desconhecido; entretanto, sem a nossa participação, tornar-se-ia um livro de pouca ou nenhuma importância para os leitores, tenham eles conhecimento, ou não, da verdadeira Doutrina Espírita. Intrigará ainda mais os possíveis leitores ser o autor do livro um cético, descrente da existência da “*alma*” (como espírito encarnado) e, por essa razão, uma pessoa despreparada para compreender a importância do mundo espiritual e escrever sobre essa realidade, da qual muito pouco foi até agora revelado. Este, o motivo da nossa manifestação inicial: elucidar fatos que o autor, bem como a maioria da humanidade, desconhece totalmente.

Cabe esclarecer que isto só ocorreu por entenderem os Benfeitores que, com o advento do Terceiro Milênio, os homens hoje encarnados — e os que vierem a encarnar nos próximos anos — já deverão ser iniciados gradativamente para aos poucos começarem a entender, sem traumas e com maior profundidade, o verdadeiro alcance da evolução espiritual no Plano Superior.

Acreditam os nossos Mestres Supremos estar chegando a hora de nossa doutrina revelar novos conhecimentos, acompanhando o progresso tecnológico e científico que a humanidade vem experimentando neste final do Segundo Milênio — embora saibamos que isto venha ocorrendo em ambiente ainda bastante conturbado por espíritos encarnados de grau inferior. Em considerável maioria, nesta classe inferior, encontram-se os espíritos que na Terra ainda estão conseguindo ocupar postos de mando de alta relevância em diferentes setores, com maior intensidade em relação à política e às religiões, ao lado dos quais sempre estão os ricos e os poderosos — todos unidos para dominar e oprimir os mais fracos. Estes seres, de difícil evolução espiritual, são os que mais dificultam a melhoria do bem estar da humanidade desde tempos remotos, cobrando impostos, dízimos, explorando o trabalho dos menos favorecidos.

Outra exigência compreensível dos Espíritos Superiores é a não revelação, em hipótese alguma, da identidade do médium que me incorpora e psicografa as minhas mensagens. Explica-se tal cuidado por ter este médium atingido seu estágio máximo de evolução durante suas vidas terrenas anteriores, encontrando-se agora na fase final de sua última reencarnação, e em condições de habitar o Plano Superior para continuar sua evolução espiritual.

Eu vos reafirmo, queridos irmãos:

É inútil tentar entender por que estas revelações estão sendo feitas neste livreto banal, escrito por um autor desconhecido e incrédulo da Doutrina Espírita. As razões que orientam as manifestações dos Mentores, através dos corpos materiais que vivem na Terra, transcendem o atual grau de compreensão da mente humana. Esta lenta evolução da humanidade é um

dos motivos, diria até o principal, que permitiu a antecipação destas novas revelações.

Concluiu um Colegiado de Benfeitores ter chegado o momento da humanidade ser preparada espiritualmente para, num futuro próximo, encontrar-se capacitada a compreender as grandes mudanças que o Novo Milênio trará para este planeta.

Devo finalizar logo esta parte inicial, por perceber que o médium se encontra em exaustão. Antes, cumpre-me esclarecer que uma exposição mais detalhada da evolução espiritual, além de não permitida, não caberia nem em todo o livro; menos ainda nesta pequena introdução. A mente humana, apesar da aparente evolução que vem conseguindo, ainda está longe de compreender uma revelação de nossa Doutrina em sua plenitude máxima. Em vista disso, acho prudente alertar o leitor para que leia este livro com grande cautela, muito próximo que está da literatura de ficção; ou que, no máximo, veja nos escritos do autor, na primeira parte, não mais que manifestações esporádicas de um espírito inferior, grosseiro, frívolo, de baixa categoria. Falo do espírito de Victor Paixão Pontes, o Vitinho, suposto autor do prefácio: um espírito recém-desencarnado e ainda não acostumado com seu novo invólucro, o perispírito, atado que permaneceu ao seu extinto corpo carnal através dos liames que o prendiam à matéria.

Respeitando o esgotamento do médium, prometo voltar o mais breve, para completar esta introdução. Fiquem na paz de vosso Deus, a nossa **Luz Suprema Criadora**.

Dalmo Corrêa Leal

2ª Mensagem de Dalmo

Caros irmãos:

Volto depois de algum tempo, conforme havia prometido, para completar as revelações que a mim foram autorizadas pelos Benfeitores. Serei o mais breve possível, para poupar o corpo físico de nosso querido irmão que me incorpora.

O título deste livro, **MACACOMEM, Um Animal Infeliz**, embora possa parecer estranho, tem sua razão de ser. Desde seu aparecimento na Terra todos os seres vivos — das primitivas bactérias aos seus descendentes animais —, receberam um Espírito que deu origem à vida. No início, as primeiras formas de vida animal eram unicelulares e tão primitivas quanto seus espíritos. Nos bilhões de anos que foram necessários à evolução até atingirem o estágio atual, ambos, matéria e espírito, sempre estiveram em constante aperfeiçoamento. Como o corpo é finito, para que o espírito primitivo que o habitava pudesse continuar a sua evolução, mesmo após a morte do seu invólucro carnal, seria necessária a sua reencarnação: tantas vezes quantas as exigidas para uma perfeita purificação. Isto só seria possível se o corpo material, que é o seu invólucro terreno, também acompanhasse essa evolução. Os espíritos seguem as Leis Superiores da **Luz Suprema Criadora** (ou Deus) para evoluir; a matéria segue as leis da Natureza — que estão continuamente alterando nossas características genéticas e nosso comportamento animal, sempre visando aprimorar a evolução das espécies.

A primeira revelação que me foi autorizada a fazer é que a **Teoria da Evolução das Espécies**, psicografada por Charles Darwin, nada mais é do que uma manifestação dos Mentores Espirituais, através da obra de um cientista. Isto acontece desta forma por serem os cientistas gênios dotados de mentes instruídas, cuidadosamente selecionados para transmitir mensagens importantes — e também por exigirem tais mensagens grande desenvolvimento intelectual do receptor, não importando seja ele um crente ou um ateu. O que conta é o seu elevado grau de desenvolvimento e sua credibilidade, atestados por seus conhecimentos científicos. São escolhidos

por terem uma mente aberta e capacitada para transcrever os ensinamentos que os Benfeitores entenderam ter chegado a hora de serem revelados, o que é feito através de incontáveis Mentores (também denominados Anjos), que atuam como guardiões e protetores dos humanos encarnados.

Assim vem acontecendo desde o aparecimento do que vocês chamam de *Homo sapiens* (como revelou Darwin, um produto resultante da evolução do macaco). Para melhor exemplificar: Sócrates, Platão, Aristóteles e todos os demais grandes filósofos eram médiuns involuntários de potencial muito desenvolvido, em condições de traduzir os ensinamentos recebidos do Plano Superior para uma linguagem capaz de ser compreendida pelos humanos. Os filósofos foram escolhidos para estabelecer normas de conduta moral e de comportamento aos espíritos menos evoluídos. Da mesma forma, Maomé, Moisés, Jesus, Buda, — como tantos outros grandes médiuns doutrinadores da fé — foram escolhidos em diferentes épocas e regiões para receberem e difundirem os ensinamentos espirituais, com a finalidade de se estabelecer na Terra uma sólida moral religiosa. Com relação à ciência, Aristóteles, Galileu, Newton, Einstein — e tantos outros cientistas, todos como médiuns involuntários —, psicografaram as mensagens relativas ao conhecimento humano nas áreas da Física, Química, Matemática, a fim de explicarem a origem do Universo. O mesmo acontece nos demais ramos das ciências e também das artes.

Já no final do século XIX coube a um filósofo francês, Alan Kardec, ser o escolhido pelos Benfeitores para iniciar a revelação da verdadeira Doutrina Espírita — o que foi feito de forma bem simples, para que tal revelação pudesse ser entendida naquela época, a exemplo de revelações mais antigas — incluindo livros respeitados como o Al Corão, as Escrituras Sagradas, A Torá e os menos conhecidos, como os Evangelhos Apócrifos e Manuscritos do Mar Morto. Todas essas diferentes formas de revelações são necessárias para uma perfeita evolução espiritual: sempre ocorreram em diferentes etapas da evolução da humanidade. Aconteceram, repito, e continuam acontecendo em todos os campos do conhecimento humano: ciências, filosofia, literatura, música, artes plásticas. Tudo aquilo que os grandes homens pensam "*ter descoberto ou escrito*", nada mais é do que ensinamentos periódicos do Mundo Espiritual.

Através desses escolhidos foi possível melhorar a vida humana permitindo o desenvolvimento de um corpo mais sadio, e cada vez com maior tempo de vida. O mesmo desenvolvimento aconteceu com relação à mente dos homens: tornou-se, com a nossa ajuda, mais criativa e evoluída, o que possibilitou a existência de um todo “corpo-mente” ideal para abrigar espíritos em busca de aprimoramento. O corpo físico é um invólucro perecível, temporário, em condições para um espírito nele habitar e evoluir por curto período.

Tenho também, nesta minha mensagem autorizada pelos Benfeitores, a incumbência de desfazer o que poderíamos chamar de um "mal-entendido": a existência ou não dos Anjos, com a grosseira classificação de bons (os Anjos da Guarda) e maus (os demônios, espíritos malignos, Satanás, Exus etc...). Quanto a isto, cabe-me esclarecer, de uma vez por todas, que o Mundo Espiritual abriga apenas **Seres de Luz**: espíritos altamente evoluídos (Mentores e Benfeitores), escolhidos como mensageiros da **Luz Suprema Criadora** (ou Deus), que têm como missão orientar e proteger os espíritos reencarnados na Terra, todos ainda muito carentes de aprimoramento espiritual.

Entendemos até correta a denominação de "Anjo da Guarda" dada por terráqueos aos Mentores. Eles estão em trabalho constante de proteção e orientação dos espíritos inferiores reencarnados, sempre procurando afastá-los do mal que ainda existe na Terra. O mal maior se deve a uma interferência contínua de uma legião de espíritos recém-desencarnados, grosseiros, possessores, que permanecem na esfera terrestre por não estarem bastante evoluídos. Quando o corpo físico morre, esses espíritos continuam presos por seus liames à matéria, impedindo que eles alcancem as outras dimensões. Isto se dá porque, quando encarnados, viveram agarrados às coisas materiais, o que impediu que eles evoluíssem espiritualmente nesta nova oportunidade de vida. Logo após a morte, esse apego à matéria faz com que, temporariamente, muitos desses espíritos insistam em apossar-se dos corpos dos nossos irmãos ainda vivos, atormentando aqueles que não estão aptos a se defenderem. Se todos os viventes entenderem que, diariamente, recebem a visita e a proteção do seu *Anjo da Guarda*, ou *Espírito Protetor*, será dispensável a existência de "intermediários": aqueles que praticam rituais religiosos os mais diversos, dando ampla margem para o

aparecimento do charlatanismo — uma prática antiga, comum entre os homens, que neste século vem aumentando assustadoramente.

Entretanto isso ainda ocorre porque, em sua grande maioria, os espíritos reencarnados não estão evoluídos e capacitados para entender as mensagens de seu Anjo (Mentor). Por não terem atingido estágios evolutivos que lhes permitam alcançar seu próprio discernimento, deixam-se enganar por toda a sorte de espertalhões que vivem à custa da ingenuidade alheia. São os espíritos destes espertalhões, entre outros igualmente degradados, que trilham na Terra o caminho do mal e que, quando morrem, ficam vagando na esfera terrestre atormentando os viventes. Formam um grupo espiritual de recuperação mais difícil e lenta. Foram esses espíritos errantes, através dos tempos, que induziram os vivos a formularem o falso conceito de céu e inferno, Demônios e Exus. Cada um de vós, caros irmãos, traz dentro de si o céu ou o inferno, os anjos ou os demônios; basta não se deixar iludir e ter força espiritual para ser o seu próprio exorcista; todos podem livrar-se do mal apenas através de atos de bondade e respeito ao próximo. Ninguém está autorizado a intermediar a espiritualidade através de cobrança de dízimos, doações, ou outras contribuições financeiras. Os médiuns são apenas veículos de nossas mensagens: instrumentos usados pelos Mentores Espirituais para trazer o conhecimento e a cura para a humanidade, sem cobrarem recompensas por seu trabalho.

Frequentemente os Anjos da Guarda (Mentores), que lutam contra esses espíritos inferiores que ficam vagando na esfera terrestre, necessitam do auxílio dos Espíritos de Luz de Grau Supremo (os Benfeitores). Esses espíritos altamente evoluídos estão em constante alerta e socorrem os Anjos (Mentores) nas situações mais difíceis, afastando da esfera terrena os espíritos perturbadores que estão molestando os nossos irmãos reencarnados.

Para entender como esse socorro acontece, necessito esclarecer que os Espíritos de Luz de Grau Supremo são, usando a vossa linguagem, "*espíritos de última geração*". Correspondem àqueles espíritos que já passaram por todos os estágios de evolução, tanto na Terra como no Plano Superior, e que estão materializados em outra dimensão com um invólucro de matéria plasmática indestrutível, diferente de todas as matérias conhecidas no planeta que agora vós habitais. Dentro dessa nova forma física definitiva são materializados tão somente os espíritos de infinita sabedoria e bondade, para

sempre imortais, tendo como missão maior policiar a Terra, trazendo o conhecimento e a ajuda espiritual aos seus habitantes passageiros. Para exercerem uma constante vigilância os Espíritos de Grau Supremo "viajam" em feixes de luz — que podem ser observados com certa frequência em noites de céu limpo. Por ignorância compreensível, os homens denominam essas visões inexplicáveis como OVNIS (Objetos Voadores Não Identificados) ou, simplesmente, discos voadores — ignorância percebida nos capítulos finais deste livro, quando o autor narra, de forma confusa, seu encontro com os Benfeitores.

Cabe-me revelar-vos que esses Seres Superiores já estabeleceram, há muito tempo, contatos conhecidos como de primeiro grau com algumas criaturas vivas de espírito mais evoluído — como é o caso deste médium que me incorpora e que vem mantendo contatos telepáticos com seus Mestres Supremos há longos anos.

Quanto aos demônios (Satanás, Exus e outros assemelhados), recebi orientação para desfazer definitivamente esse equívoco. A matéria que forma o planeta Terra é composta de átomos, por sua vez formados de elétrons e nêutrons. Na verdade, sua estrutura ainda é mais complicada e, aqui, não comportaria aprofundar a questão. A minha missão nesta mensagem é esclarecer que na matéria, mais exatamente nos átomos que compõem a matéria, está o verdadeiro Satanás ou Demônio que ameaça a humanidade — como já foi descrito de forma velada no livro do Apocalipse e nas mensagens psicografadas por Nostradamus, ambos prevendo uma possível extinção de toda a Terra e seus habitantes.

O único "espírito do mal" verdadeiro é o "espírito da matéria", que todos conhecem como radiação nuclear — tão perigosa a todas as espécies de vida. Somam-se a este perigo de destruição, todos os danos que o homem vem provocando no meio ambiente, com as mais variadas formas de poluição. O perigo não está também só nos fenômenos naturais. Está igualmente nas mãos e na consciência dos homens; principalmente no **livre-arbítrio**, inerente à raça humana: um atributo muito perigoso, principalmente quando o poder exerce seu fascínio tornando insanos os poderosos. Fora disso, seria por demais ingênuo acreditar que no Plano Superior houvesse a mínima possibilidade da existência de uma legião de espíritos dedicados à prática do mal.

Da mesma maneira, todas as doenças e deformações — congênicas ou adquiridas — são inerentes à própria vida. Derivam tão somente por “*falhas de fabricação*”, decorrentes de genes defeituosos, ou doenças variadas que aparecem em vários estágios da evolução da matéria que compõe o corpo humano, e também os animais. Nenhum Espírito Superior (ou Deus) imporia sofrimentos corporais a criaturas indefesas, na forma de castigo. Mesmo porque a perfeição espiritual não é alcançada através de penitências ou sofrimentos; apenas e tão somente através da prática do bem e do respeito aos seus semelhantes, o que só se consegue aceitar e aprender após sucessivas reencarnações.

A grande confusão, estabelecida pelas diversas crenças religiosas e seus rituais, decorre do desconhecimento, ou não aceitação, da existência dos espíritos possessivos, grosseiros, inferiores ou de baixa categoria, ainda não evoluídos, que influenciam e desvirtuam a conduta de considerável maioria da humanidade atual. As religiões, para se estabelecerem através do medo, falam desses espíritos como seres medonhos — com poderes iguais ou maiores que os poderes dos Mentores ou dos Benfeitores —, a ponto de constituírem um exército de forças antagônicas, em luta acirrada por “*disputa de almas*”. Lembro-vos novamente, caros irmãos, que no Plano Espiritual só há lugar para o bem — que será alcançado por todos os espíritos, mesmo os mais mesquinhos, através de sucessivas reencarnações, tantas quanto forem necessárias. Afastai de vossas mentes os medos dos demônios e dos castigos eternos; vereis, então, que a vida tornar-se-á mais amena de viver, transformando o *macacomem* em um animal feliz.

O médium que me incorpora, hoje bastante exausto pela minha longa mas necessária exposição, pode servir de exemplo para esclarecer como todos os espíritos são resgatados pela **Luz Suprema Criadora**, o vosso Deus de bondade infinita. Este médium alcançou um grau de desenvolvimento espiritual que lhe vai permitir uma desencarnação definitiva, estando hoje seu espírito pronto para habitar o Plano Superior. O estágio atual o credenciou a manter, além de contatos telepáticos, também a visualização plena dos extraterrenos (os Benfeitores) em sua forma real. Como última etapa de seu aprendizado, conseguido através de sucessivas reencarnações, prepara-se para viagens espirituais extracorpóreas. Esta a razão do sigilo exigido com relação à sua identidade. De agora em diante

este médium não poderá, em nenhum momento, ser molestado no isolamento ao qual deve submeter-se. Seus Mentores o acompanharão até um local perto do Mosteiro do Tibete, onde ficará, junto com o Dalai Lama, preparando-se para o desencarne definitivo através de uma longa meditação transcendental.

É o máximo que fui autorizado a revelar. Nos capítulos finais, o leitor deverá ficar atento à forma como o autor relatou seu discutível encontro com seres de outro planeta. Sua confusão mental impediu um entendimento melhor da realidade. Confundi a realidade daquele momento com histórias de extraterrestres que permeiam a literatura de ficção. Apesar do texto confuso e, em algumas passagens absurdo, os seguidores de nossa Doutrina saberão ler, nas entrelinhas, as mensagens sabiamente passadas ao autor pelos Benfeitores, sempre iluminados por nossa Luz Suprema Criadora.

Atendendo ao pedido feito a mim por este médium — que deseja deixar por escrito sua última manifestação enquanto ainda encarnado —, saio agora de seu corpo deixando-o livre para registrar sua mensagem, complementando esta introdução. Abandono neste instante o corpo do médium, desejando que a paz de vosso Deus, a **Luz Suprema Criadora**, permaneça em todos os corações.

Dalmo Corrêa Leal

Mensagem do médium não-incorporado

As observações que seguem foram feitas por um médium brasileiro famoso, conhecido mundialmente nos meios científicos e espirituais por seu alto grau de desenvolvimento. Em seus trabalhos conseguiu evoluir espiritualmente até alcançar inúmeras materializações através de exudação de ectoplasma e também de constante comunicação telepática e visual com Espíritos de Luz de Grau Supremo, ou Benfeitores, que na Terra são erroneamente conhecidos como seres extraterrestres, os ETs (de acordo com as explicações do espírito de Dalmo).

Pela repercussão de seus trabalhos no campo espiritual, muito acima da paranormalidade, este médium já percorreu vários países para proferir palestras e divulgar seus conhecimentos. Convidado pela NASA (Agência Espacial dos Estados Unidos), permaneceu durante dois anos junto aos cientistas daquela Agência, onde foi submetido a uma longa pesquisa de sua paranormalidade e mediunidade. Seu dom mediúnico, qualificado durante os testes apenas como um “dom paranormal”, provocou uma discussão entre os cientistas — razão de até agora os resultados dessas pesquisas não terem sido revelados.

Aceitou, a pedido de um amigo particular, deixar neste livro o seu último depoimento — escrito sem incorporação mediúnica e com a devida autorização de seu guia espiritual.

I

Quando voltei a morar no Brasil, no final do ano de 1994 — já sabendo que seria por um curto período —, fui procurado por um velho amigo de muita estima. Estava acompanhado de um escritor desconhecido, trazendo os originais de um livro que ambos disseram achar "*estranho*", uma vez que não era intenção do autor escrever tudo o que lá estava relatado. Em breve e reservada conversa, logo percebi que o autor era um cético e desconhecedor da Doutrina Espírita — por esta razão bastante perturbado diante do conteúdo que "pensava ter escrito". Queriam que eu lesse os originais e encontrasse uma explicação lógica para tudo aquilo. Para não desagradar meu amigo e seu acompanhante, li os originais com muita atenção e, no final, confesso que, com toda a minha experiência, fiquei surpreso e intrigado com os fatos ali narrados.

Durante mais de trinta anos de pesquisa e estudo da mediunidade — incluindo as descobertas no campo da ufologia com relação à existência dos Espíritos Superiores —, percorri vários países. Estive também na NASA, onde realizei vários experimentos de materialização, com exudação de ectoplasma, além de inúmeros contatos telepáticos com os Benfeitores, seres que são denominados "de outros planetas": na verdade Espíritos de Grau Supremo, de cuja forma real eu já tivera visualizações. Tudo isso provocou uma discussão acirrada entre os cientistas que me estudaram exaustivamente por quase três anos, sem nada até agora concluírem.

Em todo o meu longo aprendizado sobre o verdadeiro ciclo do mundo espiritual, eu já havia sido instruído inúmeras vezes por meus guias (os Mentores) e, mais recentemente, pelos Espíritos de Luz de Grau Supremo (os Benfeitores), com relação à necessidade de manter os meus conhecimentos sob absoluto sigilo, em quaisquer circunstância. Entendiam os meus Mestres Espirituais que a humanidade não estava ainda devidamente preparada para receber tais conhecimentos.

Após a leitura dos originais deste livro percebi que, em determinados momentos, revelavam parte do que eu havia sido instruído para manter em segredo. Fiquei em situação delicada: estava impedido de me manifestar e, ao mesmo tempo, não queria desagradar a um amigo que muito prezo.

Entretanto, ao pedir ajuda ao meu Mentor Espiritual, Dalmo Corrêa Leal, ele obteve autorização junto aos Benfeitores para se manifestar. Quanto a mim, foi dada a permissão de tão-somente complementar a sua mensagem — com os devidos cuidados e dentro dos limites que os Benfeitores estabeleceram.

Segundo Dalmo, havia no Plano Superior um consenso para que alguma coisa fosse já revelada, como abertura e preparação dos homens para a chegada do Novo Milênio. Isto porque, após o ano 2.000, já próximo ao ano de 2.015, a Terra passará por grandes transformações, e uma Nova Ordem virá para colocar a humanidade em seu caminho correto. Exigiram os Espíritos Superiores que em minha mensagem eu colocasse um alerta indispensável aos leitores, principalmente àqueles de espíritos menos evoluídos: uma severa advertência quanto ao conteúdo dos relatos que o autor *psicografou* no decorrer de sua obra.

No início o livro é bastante confuso, com narrativas truncadas e sem encadeamento lógico — o que é bastante compreensível visto ser o autor uma pessoa que desconhece totalmente a Doutrina Espírita. Aguçou a minha curiosidade o fato de que, durante a leitura, fui encontrando algumas revelações até então só conhecidas por pequeno grupo de médiuns altamente evoluídos que, por severa ordem superior, estavam proibidos de as revelar. Como — perguntei a mim mesmo —, um leigo teve acesso a essas revelações? Embora de forma velada, estavam relatados, naqueles originais de um livro aparentemente banal, conhecimentos que só consegui alcançar após mais de quarenta anos de mediunidade e estudos exaustivos sobre evolução espiritual.

De início, pensei tratar-se de simples coincidência dentro de uma obra de ficção que, por acaso, abordava assuntos tão profundos da existência humana e sua evolução espiritual. Entretanto, os conhecedores da Doutrina Espírita sabem que nada acontece por acaso. Tudo obedece a uma Ordem Superior e tudo acontece no tempo certo. Imaginei, então, ser um caso de mediunidade involuntária ou, como já nos alertara Kardec, relatos de um médium de efeitos intelectuais. Mesmo sendo o autor um desconhecedor da Doutrina Espírita e, como ele próprio me confessou, um descrente da existência da alma (mesmo quando entendida por espírito), quer me parecer que foi usado, de início, por um espírito rasteiro, sem ter consciência dessa

real possessão. Vem daí sua perplexidade com tudo aquilo que dizia não acreditar ter escrito, estando inclusive duvidando de sua sanidade mental.

Na primeira conversa que tivemos, após inteirar-me do conteúdo dos originais, procurei acalmá-lo dizendo que pouco, ou quase nada, conhecemos até agora com relação às variadas formas de manifestações espirituais. Enquanto encarnados aqui na Terra, permanecemos prisioneiros de um corpo material de extrema fragilidade; existem enormes possibilidades de nos depararmos com os mais estranhos fenômenos sem encontrarmos nenhuma explicação. Não foi o suficiente para acalmá-lo; muito menos para convencê-lo. Foram necessários meses de diálogos semanais — alguns se prolongando até altas horas da madrugada — para o autor atender ao meu pedido, e ao pedido do meu guia Dalmo, aceitando publicar o livro com tudo o que escreveu (evitei dizer “*psicografou*”).

Finalmente, após o autor ter participado de uma sessão mediúnica na qual realizei várias materializações espirituais com exudação de ectoplasma, aceitou o meu argumento de que fora escolhido, como escritor que era e bom datilógrafo, para revelar as novas mensagens do mundo espiritual — ainda que essas mensagens tenham sido traduzidas de maneira desordenada. Expliquei cuidadosamente como ocorrera, logo de início, a forma confusa de seus escritos: pela intervenção espiritual de seu amigo recém-desencarnado, Vitinho, que possuía um espírito ainda grosseiro e frívolo. Concordou, mas reiterou que não acreditava ter sido usado como aparelho de comunicação entre seu mundo e habitantes de mundos de outras dimensões do Universo, criaturas que para ele nunca existiram. Resolvi não insistir em sua conversão, para não piorar o seu estado de agitação mental e espiritual.

II

Na minha opinião — após participar de tantas experiências com o mundo dos espíritos —, a intervenção inicial do espírito inferior de Victor Paixão Pontes, o Vitinho, foi propositada, para demonstrar como um espírito grosseiro, após a morte física, reluta em desligar-se do corpo material — continuando preso a ele por seus liames, não aceitando sua nova forma no perispírito. São esses espíritos que, como meu guia Dalmo já esclareceu — e eu torno a repetir — permanecem na esfera terrestre perturbando a paz e o sossego dos viventes. Esse aspecto de comportamento, comum aos espíritos inferiores, foi colocado logo no princípio para que possamos, depois, entender a intervenção dos chamados Anjos da Guarda (Mentores) e, em casos mais graves, a intervenção dos Espíritos de Luz de Grau Supremo (os ETs, no falso entendimento do autor).

Muito pensei até chegar à conclusão de que talvez tenha sido esta a forma encontrada pelos Benfeitores para preparar a humanidade, abrindo caminho para novos ensinamentos que o nosso mundo material deverá conhecer, visto já estarmos próximos do Terceiro Milênio. Isto explica também o subtítulo **Um Animal Infeliz** (aquele que possui um espírito inferior). É de muita importância destacar o fato de o livro ter sido escrito como obra de ficção, de modo a causar dúvidas — como até hoje causam dúvidas os relatos sobre aparecimentos de discos voadores e seres extraterrenos.

A pedido do autor, ressalvo que sua obra é passível de credibilidade, pois não se trata de charlatanice ou zombaria para com aqueles que acreditam na vida após a morte e também na reencarnação.

Deixo minha sugestão aos leitores: esta obra nada mais é do que um livro intrigante. Podem alegar, os que duvidarem das narrativas, que jamais os Espíritos Superiores escolheriam uma pessoa cética, materialista até, para sua comunicação com o mundo dos vivos. Posso afirmar, com minha longa experiência, que isso acontece frequentemente. Para o Mundo Espiritual é mais fácil a comunicação através de corpos que possuem mentes despidas de ensinamentos religiosos. A mente dos céticos está livre de preconceitos e dogmas, responsáveis por uma fé inabalável que gera uma mente bloqueada

e inacessível — o que pode ser observado no comportamento dos crentes fanáticos das mais variadas religiões, que pregam de maneira errada a vida após a morte e não aceitam a reencarnação segundo a Doutrina Espírita. A mente sem fanatismo religioso oferece menor resistência às manifestações espirituais, por estar limpa em seu subconsciente de medos — medos estes que têm suas origens nos diversos ensinamentos religiosos que se contrapõem à nossa doutrina. Quando um aparelho (médium explícito ou de efeitos intelectuais) é um escritor, ele sempre acreditará, ao ser possuído por um espírito, estar escrevendo uma obra de sua autoria. Depois, ao ler o que escreveu, classifica seu trabalho como ficção, por desconhecer a sua verdadeira origem. Como bem explicou Kardec no Livro dos Médiuns, 182, os escritores são “*médiuns inspirados*”. Esta a razão por que o autor deste livro, ao terminar sua obra, mal conseguiu acreditar no que havia escrito. Mais tarde, relendo os originais “*psicografados*”, ficou confuso e até duvidou de sua sanidade mental. De início relutou bastante em publicar o livro, por temor ao ridículo. Só concordou quando prometi fazer uma introdução esclarecendo o que havia ocorrido, com o meu testemunho de que o escritor é apenas um dos veículos dos inúmeros fenômenos sobrenaturais.

O leitor atento irá perceber, no decorrer das narrativas descontraídas do autor, principalmente nos capítulos iniciais, que os textos são permeados de passagens momentâneas entre os mundos espiritual e terreno, dada a inabilidade compreensível dos leigos em lidar com este tipo de *inspiração* (manifestação espiritual).

É normal que tenha acontecido desta forma, uma vez que o escritor comum é bem diferente dos médiuns desenvolvidos. Nós, médiuns, somos preparados para trabalhar com mensagens ditadas por espíritos incorporados — ainda que isso possa muitas vezes vir a ocorrer ocasionalmente, sem estarmos concentrados para a incorporação. Aceitamos qualquer tipo de incorporação, ou revelação, com plena consciência e tranquilidade e sem oferecer nenhuma resistência — o que resulta em uma escrita regular, cheia de sábios ensinamentos espirituais. Ao contrário, quando isso acontece com leigos despreparados, como no presente caso, desencadeia-se uma luta entre a mente do autor e a insistência do espírito em se manifestar, resultando desse embate uma mensagem truncada e sem uma continuidade que poderia torná-la digna de crédito. Essa situação piora ainda mais quando o médium

involuntário recebe um espírito despreparado, frívolo, rasteiro (neste caso, Vitinho). A psicografia ocorre em estado de confusão mental, como se observa na confissão do próprio autor: "*foge constantemente ao meu comando*".

O espírito de Vitinho, recém-desencarnado, traz ainda fortes resquícios de uma vida boêmia e desregrada. Seu desencarne ficou mais atormentado por ter cometido o suicídio lento através do vício do álcool — degradando a matéria que envolvia seu espírito —, principal razão para tornar ainda mais difícil e dolorosa sua passagem da vida material para a vida espiritual. Vale lembrar que o espírito de quem comete o suicídio, mesmo de forma lenta através do vício das drogas, não aceita de imediato a morte física e permanece entre os vivos — comportando-se como se ainda pertencesse a este mundo.

A longa Nota Preliminar do autor que vem a seguir, ratifica uma verdade da Doutrina Espírita: quando existe coincidência entre a morte de uma pessoa querida, seja ela um parente ou um amigo, com uma simultânea lembrança dessa pessoa, mesmo estando em países distantes, poderá ocorrer um fenômeno natural chamado de atração etérea. Em outras palavras: o espírito do morto recusa-se a deixar a vida terrena por estar desorientado e procura agarrar-se ao corpo ainda vivo de amigos ou parentes, com os quais manteve ligações muito estreitas aqui na Terra. Foi este fato (a morte de Vitinho) que transformou o autor do livro em médium involuntário. A presença repentina do espírito de Vitinho, embora não pressentida pelo seu amigo escritor, criou o clima inicial do livro no qual se percebe, nitidamente, uma narrativa conturbada, própria de quem está na condição de perturbado ou possuído.

Continuando a leitura encontramos um prefácio assinado por Victor Paixão Pontes — que o autor acredita tenha sido escrito por seu amigo quando ainda vivo. Entretanto, minha experiência mediúnica permite afirmar ser apenas uma manifestação espiritual rasteira, estando o autor já em estado de possessão. Essa possessão vai prolongar-se pelos capítulos posteriores girando em torno da morte, com conceitos e colocações muitas vezes descritas de forma absurda, por motivos já esclarecidos.

Observamos então que a narrativa vai se alternando entre a vontade do autor e a imposição do possessor. Ao nos aproximarmos dos capítulos

posteriores iremos perceber uma revelação importante: quando a interferência do espírito inferior (Vitinho) ultrapassa os limites do suportável ao que ainda é humano (no caso, o autor do livro), o desespero faz com que o autor, mesmo sem acreditar, recorra ao seu Anjo da Guarda (Mentor), o qual vem em socorro de seu protegido. Como o espírito de Vitinho continua a oferecer resistência, insistindo em permanecer junto ao seu amigo, o Anjo (Mentor) pede auxílio aos Espíritos de Luz de Grau Superior — Benfeitores que os leigos chamam de Seres Extraterrestres —, que meu guia Dalmo sabiamente denominou de *Espíritos de Última Geração*. São aqueles espíritos altamente evoluídos e definitivamente materializados em outra dimensão, já na sua forma imortal, que têm como missão patrulhar o nosso Planeta. Esses Benfeitores vigiam a Terra desde o aparecimento do *Homo sapiens* — uma consequência da evolução animal, já explicada pelos meus Mestres através da obra de Darwin.

III

O que a nós médiuns tem sido possível observar é que, com a proximidade do Terceiro Milênio, a presença desses Seres Superiores em suas “*naves de luz*” está ocorrendo com maior frequência, aumentando as descrições de prováveis contatos imediatos de primeiro grau. Na verdade esses contatos já estão acontecendo de forma gradual, de início através de comunicações telepáticas, para não provocarem traumas. São raros os casos nos quais ocorrem descrições de contatos com a visualização física dos extraterrenos (Benfeitores). As histórias, na sua maioria, são frutos da imaginação de leigos ou espertalhões; tanto que os mais exaltados falam em abdução, agora no sentido de “*rapto de humanos por extraterrestres em naves espaciais*”. Um absurdo tão grande que não merece comentários, tal a ignorância das pessoas que dizem ter sido “abduzidas”, ou “sequestradas”; e maior ainda daqueles que nelas acreditam. Os chamados “contatos imediatos de primeiro grau”, raros encontros com os Benfeitores, só ocorrem para trazer paz aos viventes atormentados e ainda são raríssimos.

O mais comum, que vem acontecendo desde longo tempo, é o contato ocorrer através de obras psicografadas por médiuns evoluídos e, em alguns casos, através de obras como esta, vistas como de ficção. Neste caso particular, por rara felicidade, foi autorizada uma introdução através do espírito de Dalmo, complementada por uma manifestação minha sem incorporação espiritual. É de se pressupor que essa antecipação de conhecimentos espirituais esteja ocorrendo, neste momento, em virtude de guerras e atentados que ainda persistem — de origens étnicas, religiosas ou políticas —, culminando com massacres constantes de seres humanos, explorações religiosas através de falsos profetas do Apocalipse, fome, miséria. São todos esses fatores negativos, decorrentes de uma organização político-social e religiosa insensíveis às necessidades dos mais humildes, e que estão dificultando uma rápida evolução espiritual da humanidade — visto estar o poder ainda nas mãos de uma elite minoritária insensata e dominadora, dotadas de espírito rasteiro e materialista.

Por todas essas razões a geração de hoje, e a geração que virá substituí-la nos próximos anos, não estarão ainda preparadas para uma revelação

espiritual absoluta — nem gozarão dos benefícios que advirão após a virada do século. Depois do ano 2.000, os atuais detentores dos poderes políticos, religiosos e econômicos — que hoje se valem de tais poderes para explorar os mais humildes—, já estarão desencarnados e serão substituídos por corpos mais sadios que abrigarão espíritos em estágio superior. Somente então dar-se-á o entendimento universal tão esperado entre os habitantes passageiros deste Mundo, no qual foi profetizado que “muitos serão os chamados, mas pouco os escolhidos”.

IV

Para finalizar, como médium experimentado e já preparado para o desencarne definitivo, alerto os possíveis leitores desta pequena obra para que não se deixem levar, em nenhum momento, por conceitos sobre família e religião na forma como estão colocados no prefácio pelo espírito perturbado de Vitinho. Acredita o autor do livro que o texto deste prefácio tenha sido escrito um pouco antes da morte do seu amigo, quando ele ainda estava internado num sanatório para doentes mentais. Não é verdade. O prefácio não passa de um desabafo insensato de um espírito inferior, que não fez mais do que usar o autor como veículo para destilar seu ódio contra a humanidade: protesto de um espírito rasteiro que viveu à margem da sociedade, não aceitando o *karma* que lhe foi reservado, refugiando-se do seu *karma* na bebida para superar o que ele acreditava serem “traumas de infância”. Vitinho foi, durante toda sua vida, um péssimo exemplo de MACACOMEM: Um Animal Infeliz. Peço cuidado também com a narrativa final de contato com extraterrenos na forma como descreve o autor: confusa e muito próxima da ficção, por despreparo e desconhecimento da Doutrina Espírita — o que dificultou uma exposição mais clara da mensagem psicografada —, tornando o texto repetitivo e com colocações embaralhadas, fugindo em muitos trechos da realidade espiritual verdadeira.

Quanto a mim, aproveito esta oportunidade para me despedir publicamente dos meus amigos desta Terra, uma vez que estou ultimando os preparativos para a minha derradeira viagem. Breve irei recolher-me junto aos monges do Nepal, a convite do Dalai Lama, onde pretendo ficar até que aconteça minha última morte carnal: a derradeira, segundo o **Espírito de Luz** que até agora tem me guiado. Na clausura que me espera, irei desenvolver experiências mais profundas através de viagens extracorpóreas — última etapa dos fenômenos espirituais aos quais devo me submeter.

Após recolher-me naquele completo isolamento, sem nenhum contato permitido com o mundo material, ficarei sem saber da publicação ou não deste livro e, se publicado, qual a sua repercussão. De qualquer forma, se for publicado, reitero aos leitores não se deixarem envolver, ou mesmo

sugestionar, pelas narrativas confusas e desconcertantes; aconselho prudência, uma vez que a Hora Derradeira ainda não é chegada.

O melhor que todos temos a fazer, no momento, é considerar este livro como uma obra de ficção, fruto de uma mente sem nenhum conhecimento do que se nos reserva a vida espiritual, após a morte aparente. Prefiro, por todas as razões expostas, classificar este livro, por enquanto, como **um grande equívoco** do autor, muito próximo do absurdo. Fica, se assim visto, mais fácil de digerir já que, por ora, trata de temas que ainda estão acima de nossa pequena compreensão espiritual.

Que a paz de vosso Deus, o nosso grande **Espírito de Luz Criador de Bondade Infinita**, possa estar sempre ao lado de cada um de vós, protegendo a todos dos grandes males que a humanidade ainda vai experimentar — por culpa tão somente de seu comportamento, ainda carente de total amor ao próximo, e plena libertação dos bens materiais.

Capítulo I

NOTA PRELIMINAR

Muitos estranharão esta nota, já como capítulo primeiro, logo seguida de um prefácio, como capítulo segundo — que assim não é a regra dos escritos literários. Digo aos que estranharem: regras eu nunca as sigo, para não ser igual e submisso; nem meus escritos se revestem de pretensões literárias.

O prefácio que vem após esta nota, como Capítulo II — de conteúdo aparentemente apócrifo ao dócil e infeliz rebanho que perdeu a noção de liberdade —, está publicado como foi escrito, nos pontos e nas vírgulas, em respeito à figura de Victor Paixão Pontes, que corajosamente o assina e coloca rubricas em cada página do original. Isto dá maior autenticidade ao perturbador documento, a mim enviado quando já acreditava estar o meu amigo morto.

Como o texto é real e o tenho às mãos para nunca dele duvidar, decidi escrever esta nota — um delírio do subconsciente, submisso a imperativos alheios à minha vontade, que comandaram a narrativa agora transportada para o papel —, ditada por uma razão outra que não a minha, transcendendo a compreensão dos que buscam nos livros palavras fáceis de ajuda ao impossível entendimento de uma única vida que temos e jogamos fora.

Obriga-me uma desconhecida força a escrever, nesta nota preliminar, sobre Victor Paixão Pontes, o Vitinho, um desconhecido das gentes e do qual tem ciência apenas uma pequena roda de amigos — entre os quais novamente me incluo e de sua presença constantemente padeço —, que retornou subitamente à lembrança interferindo no pensamento correto que não alcanço, fazendo reviver a nossa intimidade esquecida, mesmo porque dele pouco me foi possível saber: que um homem nunca se conhece por inteiro, ainda que cem anos pudesse durar a nossa vida em sua companhia.

Assim uma voz interior me ditava este texto, fugindo aos domínios da razão, voz que de mim se apoderou para conduzir as palavras que ora

escrevo e, agora, obriga-me a dizer ser Vitinho um cidadão português que morou na cidade de São Paulo, entre abril de 1961, até não sei quando de 1968.

Este fato foi confirmado recentemente por amigos da época, os quais procurei para mais de Vitinho saber, voltando da pesquisa sem muito elucidar: porque os anos apagam a memória e sepultam o passado, mesmo antes de o corpo deixar a matéria na terra, local de sua origem. Sei que o texto está confuso e pobre demais a redação. Assim acontece por fatos alheios à minha vontade, os quais, creio, irão se revelando conforme retomo para mim a narrativa, nos momentos em que a lucidez assim o permitir. Necessito, para tal empreitada, de um esforço sobre-humano que me provoca já exaustão na memória, na qual ficaram poucos registros da figura controvertida que um arquivado remorso faz em mim reviver. Relato, então, o mais que posso dele me lembrar.

O Personagem

Vitinho era um músico nascido em Portugal, na cidade do Porto, e foi, por acaso, meu parceiro durante curto período na época em que labutei como músico na cidade de São Paulo. Lembro-me de que, tão logo o conheci, fiquei confuso ao descobrir que os conhecimentos de Vitinho músico eram superados por uma erudição invejável, adquirida na leitura das grandes obras — que os escritos dos bons livros nunca se perdem. Através de Vitinho fui levado a conhecer o denso mundo de Fernando Pessoa, que ele enfatizava ter sido o maior poeta em língua portuguesa, e também a obra de Nietzsche, filósofo alemão, no seu entender "o maior de todos". Acreditava ser Fernando Pessoa a reedição (não admitia reencarnação) poética de Nietzsche, principalmente nos poemas de Alberto Caeiro e Álvaro de Campos.

E foi de tudo isto recordando que resolvi prestar a Vitinho uma homenagem póstuma, agora que se confirma a sua morte, através desta nota preliminar que a mim vem de modo estranho, escapando à minha vontade, muito ao gosto de seu estilo — que não é o meu e não muito aprecio, mas do qual não me liberto, mesmo que o pretenda.

Por desígnios outros, que nunca me serão dados a saber, vão os meus dedos ao teclado fugindo ao meu comando e as palavras se imprimem no papel sem nenhum esforço de pensamento. Ainda mais me intriga perceber a memória revivendo momentos que eu supunha já esquecidos, ou definitivamente apagados, retornando em segundos num turbilhão de imagens nítidas — como um filme antigo recuperado no arquivo que eu julgava incinerado, junto com as lembranças de uma vida que, um dia, imaginei ter vivido.

E tudo volta de forma cristalina, formando uma colagem de cinzas que novamente se agrupam, agora coloridas, restaurando aquilo que perdemos num passado que ousamos acreditar tenha sido um dia a juventude. Esforço-me para acreditar haver sonhado tudo isso, posto que no sobrenatural não acredito — nem mesmo em alma que se reencarna, ainda que entendendo alma como espírito —, lutando para afastar da mente a possibilidade de estar meu corpo tomado, a ponto de ser minha matéria veículo de uma provável mensagem psicografada, como o médium tentara me convencer.

Mais me martiriza essa dúvida relendo em seguida o que de mim tenho a certeza haver saído, uma vez que lá está o papel na máquina bem à minha frente: realidade incontestável chamando-me ao dever de completar a faina, como se disso obrigação maior tivesse. Esse delírio vai se repetindo a cada noite e, quanto mais escrevo, mais a lembrança de Vitinho se apossa de minha mente e sua presença pressinto, e me causa desconforto, para não dizer calafrios, obrigando-me nesta nota muito dele falar sem que tal intenção eu tenha, já que dele pouco me foi dado saber. Relutante, curvo-me ao que imagino sejam apenas lembranças esparsas de uma mocidade, quando Vitinho veio de além-mar e o acaso nos aproximou.

Estranhos acontecimentos

Com muita força e determinação tento retomar o controle da mente e escrever por minha própria vontade, apossando-me do teclado da máquina que, neutra, se mantém silenciosa à minha frente, fitando-me com seu pálido olhar estampado no rosto branco do papel que espera. Espera que eu diga que Vitinho, àquela época com 23 anos bem sofridos e mal vividos, já estava trilhando o perigoso caminho do alcoolismo. Marcado que fora por um misterioso rumo de seu destino, terminou por dar com os costados no Brasil, precisamente na cidade de São Paulo, para onde veio como guitarrista de um conjunto de fados que por aqui se apresentou. Trouxe um passaporte com visto de permanência de trinta dias; tão logo terminaram as apresentações do grupo, debandou e não voltou com os músicos para Portugal. Dizia estar apaixonado pelo povo brasileiro e sua música, sendo-me dado mais tarde descobrir estar Vitinho fugindo da ditadura de Salazar, por não ter papas na língua e andar a dizer e escrever coisas contra o regime. Sem família ou namorada que o prendessem à terra natal, por aqui resolveu ficar clandestinamente, uma vez que, como dizia: “nada mais tinha a perder neste mundo”.

E ao arrepio de sua presença que ora não pressinto, ponho-me a lembrar que o conheci na Praça da Sé, onde era costume os músicos se reunirem, logo ao início da noite, em busca de trabalho. No primeiro dia de sua chegada à praça, seu sotaque carregado logo o denunciou. Só que, surpreendendo a todos, nada tinha do português burro das piadas maldosas.

Era, isto sim, lúcido, inteligente e culto, despertando a nossa inveja por suas qualidades de artista: um músico de primeira, graças ao seu ouvido apurado e muito bom gosto nas aplicações das harmonias, além do total domínio técnico da guitarra.

Sua figura esguia era cópia fiel dos *hippies* dos anos 60, com a camiseta surrada, calças jeans desbotadas e esfiapadas, tênis sujo a pedir concerto — uniforme disforme pelo constante usar e lavar. Completava a semelhança uma barbicha rala no queixo, a emendar com as costeletas sempre por aparar e os cabelos compridos por pentear. Soube, através do seu relato, estar hospedado em uma daquelas pensões baratas da rua Mauá, frente à Estação da Luz: um reduto de drogados e prostitutas. Seu desespero era o mês já vencido, e a constante ameaça do dono da pensão em botá-lo na rua a qualquer momento. Por estar sem documentos legalizados, vivia se esquivando da polícia. Sempre discreto e longe de aglomerações, deixava transparecer o trauma do fugitivo em constante alerta, com medo de ser apanhado a qualquer instante; herança, por certo, dos tempos em que vivera sob a repressão da ditadura de Salazar. Precisava trabalhar, com urgência, na única profissão que sabia: tocar guitarra.

O destino nos aproximou quando fomos, juntos com outros músicos, animar o som de uma boate de terceira categoria — inferninho de má fama no Largo da Concórdia. Desde então, por afinidade em música e literatura, ficamos amigos e passamos a nos encontrar com frequência, todas as noites, no tal ponto dos músicos da Praça da Sé. Nesses encontros constantes, a literatura muitas vezes dominava a conversa. Era quando Vitinho surpreendia, misturando citações poéticas e filosóficas recheadas de observações sarcásticas sobre religião, política e, sobretudo, enfatizando seu desprezo definitivo por uma organização que ele insistia em chamar pejorativamente de “a família” — da qual debochava mais que tudo na sua visão de solitário mal amado. Para ele, a família era "uma organização hipócrita e decadente, por demais perniciosa à raça dos macacomens".

Cabe esclarecer que **macacomem** (corruptela de macaco + homem) era como eu costumava chamar os indivíduos que vagavam errantes em multidão — como rebanhos perdidos nas pradarias de asfalto —, atropelando-se nos viadutos e avenidas, em diário desespero para não chegar a lugar nenhum. E em achando Vitinho esta denominação, **macacomem**,

certa e ajustada à conclusão dos seus pensamentos (o que logo me encheu de orgulho), rápido a adotou para se referir aos "anônimos transeuntes de rostos desfigurados pela angústia de lutar em vão, tão somente para sobreviver mais alguns dias, semanas, meses ou anos, até à morte — onde está a fita de chegada desta corrida maluca".

Certa noite Vitinho apareceu mais tarde que de costume, com uma enorme mala na mão e uma desmedida expressão de tristeza no rosto: havia sido despejado da pensão e não tinha onde se abrigar. Compadecido, convidei-o a dormir por uns dias no pequeno apartamento que eu ocupava na Avenida São João — uma quitinete apertada que eu dividia com mais três amigos no terceiro andar do prédio do Cine Oásis, em frente à Praça Júlio de Mesquita, próximo ao Largo do Arouche. O local era frequentado pela boemia paulistana. Lá estavam instalados o **Restaurante do Papai** e o **Filé do Morais**. Próximos dali, no Largo do Arouche, o **Bar Pingão** e o restaurante **O Gato Que Ri**. Nesses locais, cantores e músicos se reuniam nas madrugadas, após apresentações em bares, boates e clubes noturnos, para comer, beber e jogar conversa fora. Essa convivência nos tornou mais íntimos e encorajou Vitinho a contar-me sua vida em doses homeopáticas, pois dela não gostava de muito falar.

Tinha uma história comum, como milhares de outras que se ouvem em todo o mundo — que todas as histórias dos homens se parecem, abandonados que estamos nesta Terra. Dizia ter sido relegado, aos dois meses de idade, por sua jovem mãe, que o confiou aos cuidados dos tios que moravam na cidade do Porto, onde nasceu de mãe que não mais veria: mãe solteira, como milhares de outras que perambulavam pelo cais, engravidada na lida da prostituição. Foi entregue pela mãe à irmã e ao cunhado, com a desculpa de que iria trabalhar em Lisboa. Voltaria para buscar Vitinho tão logo a vida se acertasse: nunca. Vem daí, com certeza, sua revolta pela organização que ele ferozmente denominava “a família”.

Como enteado dos tios, bastardo aos rígidos olhos da sociedade portuguesa, sofreu muito naquele antigo casarão assobradado e assombrado, onde cresceu aos sopapos do tio e petelecos da tia, sendo para ele tudo proibido: menos trabalhar, ainda jovem, como um escravo, entregando aos padrastos todo o dinheiro que conseguia ganhar, em troca de um mísero prato de comida, uma cama no quarto dos fundos e nenhum carinho.

Católicos fervorosos, os tios o obrigaram, desde a infância, a frequentar a Igreja Católica — foi coroinha e chegou a sacristão. Disse-me, certa ocasião, que detestava a religião "porque conhecia o teatro em seus bastidores", acrescentando: "os atores principais eram canastrões que oprimiam no culto com ameaças do inferno e, depois, fornicavam na sacristia com as beatas e freiras".

O único saldo dessa longa penitência religiosa foi o aprendizado do violão — ao qual se submeteu com afinco, pois de música gostava —, tendo desenvolvido seus conhecimentos de harmonia durante os anos em que acompanhou músicas sacras nos cultos religiosos. Mais sorte teve quando conheceu na Igreja um professor de violão que reconheceu logo seu talento e de sua história se compadeceu, levando-o a frequentar suas aulas, gratuitamente. Além de contribuir para ampliar seus conhecimentos musicais, foi o mestre Manoel Bernardes (este o nome do professor de violão) que o encaminhou para a boa leitura e o estimulou a ser assíduo leitor na Biblioteca Municipal, onde se iniciou na literatura. Conheceu a obra de Fernando Pessoa, devorando tudo o que havia escrito o poeta. Sua busca constante colocou-o diante da obra de Nietzsche: estava estruturada sua rebeldia.

Essa rebeldia — que teve sua origem no abandono da mãe; no convívio com os tios padrastos que o tratavam como um bastardo; na rígida educação religiosa que o tornou temeroso da ira de um Deus vingativo, sempre em busca dos deslizos de suas criaturas indefesas, concebidas em pecado original —, atingiu o clímax quando, na maioridade, foi obrigado a deixar tudo para cumprir o serviço militar no temido regime de Salazar, de quem sempre confessou ter ódio mortal.

Nos primeiros meses de quartel, com soldo humilhante e mal alimentado, chegou ao desespero e pensou até em suicídio. Salvou-o a habilidade no violão, logo descoberta pelos militares graduados que, todas as noites, exigiam sua presença no refeitório da caserna dos oficiais, durante os nababescos jantares a que tinham direito os comandantes da hierarquia opressora. Isso lhe rendia, no final do banquete, um suculento prato que o cozinheiro sempre reservava ao "talentoso jovem guitarrista". Os militares, por outro lado, poupavam-no sempre de escalas pesadas de serviço para que, à noite, estivesse em plena forma, tocando seu violão. Para evitar

aborrecimentos recolheu sua rebeldia, mantendo-se cordial e prestativo. Esse seu novo comportamento fez que passasse a ser visto com simpatia e angariasse a amizade dos militares graduados (mais tarde, esse privilégio salvou-o muitas vezes da prisão).

Tão logo conseguiu dar baixa do quartel, permaneceu em Lisboa para nunca mais ver os tios. Embrenhou-se na vida noturna tocando violão em bares e restaurantes. A princípio, a troco de comida e, como não poderia ser diferente, também a troco de bebida — pela qual logo tomou gosto, pois o dispensava de morrer, tão depressivo já era na juventude. Sua habilidade musical e sua cultura refinada logo o transformaram em figura popular entre boêmios e músicos nas noites lisboetas. Essa popularidade lhe valeu um convite para participar de um grupo musical de fados que viria ao Brasil, por solicitação da colônia portuguesa aqui residente. Aceitou de imediato, já com ideia de por aqui ficar, fugindo do regime que tanto detestava. Mal sabia ele que, após três anos da sua chegada, iria viver em nosso país inferno maior que aquele experimentado em sua pátria. Depois de alguns anos, seria vítima de uma ditadura abominável que aniquilou a pátria brasileira — época da qual agora aqui não convém muito falar, para mais o leitor não aborrecer.

Uma força interior

Ainda que a minha proposta não seja a de escrever um livro sobre Vitinho, meu subconsciente obriga-me a que dele eu mais fale, alongando o texto desta nota preliminar — movido que sou por estranha força interior que me escapa ao controle, desestabilizando o emocional e anulando o racional. Em vão tento retomar o autocontrole, exorcizando-me desta tarefa; mas não consigo dela me libertar, mesmo sendo portador de uma sofrível memória — na qual de Vitinho muito pouco se conservou de fiel registro, para dele falar com merecimento de crédito. Também nada existe em meus guardados capaz de recordar a sua figura; a não ser este prefácio que dele teve origem e que a mim chegou de maneira a mais estranha, quando nenhuma resposta esperava de sua pessoa.

Se desperto no leitor curiosidade de mais saber sobre esse fato inexplicável que ora me intriga, tenho de pedir paciência e autorização para mais me alongar nas explicações. Contarei apenas o que ouvi dizer, por

boato de boates, mais as informações que até a mim chegaram por relatos de músicos que com Vítinho por mais tempo conviveram. Devo esclarecer que a lida da vida logo nos afastou: foi quando deixei o apartamento onde morávamos, na Praça Júlio Mesquita, já no final de 1963, para ir morar com os meus pais em bairro distante do centro.

Mais tarde casei, tive filhos, acabei voltando a morar no interior e, hoje, arrependido, devo confessar que propositadamente dele me afastei, insuportável que estava por seu adiantado estado de alcoolismo. Carrego comigo o trauma de não suportar bêbados. Os alcoólatras aborrecem, livres que estão de bloqueios moralistas; os mesmos bloqueios que nos impedem de total liberdade de expressão e conduta. Piores ainda se forem alcoólatras cultos, como Vítinho: ficam mais lúcidos; e a lucidez irrita, porque liberta.

Retornando aos fatos que me foram relatados por amigos comuns: instalada a ditadura militar conhecida como Revolução de 64, Vítinho — sem documentos legais e já traumatizado por perseguições da ditadura em seu país de origem — passou a viver uma clandestinidade que o atormentou a ponto de levá-lo a uma neurose de identidade e, conseqüentemente, a uma maior busca pela bebida. Voltou a morar no Bairro da Luz, naquelas pensões baratas e promíscuas, onde se escondia da humanidade. Difícil encontrá-lo sóbrio. Todas as madrugadas chegava ao hotel mal se sustentando nas pernas. Ali dormia durante todo o dia, até que a noite chegasse para proteger seu anonimato. Só saía à rua depois das dez da noite, em direção à boate **Balalaika**, na rua Paim, onde tinha emprego garantido e proteção redobrada. O dono da boate era um cidadão português, também foragido do seu país por causa da ditadura de Salazar. Unia-os o mesmo ódio ao regime. Naquela boate, sentia-se protegido na certeza de que, na vida noturna, ninguém queria saber de ninguém.

A noite tem essas vantagens: a boemia é neutra, incolor, apolítica; aos boêmios cabe tão-somente vagar como sombras indefinidas por entre os espaços vazios de mesas e balcões, desfilando a silhueta opaca da solidão na penumbra que disfarça e conforta. Só lhes resta, como único brilho pessoal, o extremo do corpo: a mão que sustenta o copo, reluzente ao piscar das luzes coloridas. Os boêmios são pirilampos aprisionados em caixas de ressonância; caçadores noturnos empunhando lanternas de cristal barato, a buscar no escuro da noite a caça escondida nos vãos de prateleiras adornadas pelo

objeto maior de seus desejos: o conteúdo líquido de garrafas rotuladas na Escócia.

Na noite se escondem esses zumbis macilentos de olhos albinos, incapazes de suportar a luz denunciadora do dia, camuflados na sombra que confunde e neutraliza uma repentina investida de uma polícia oficial conivente. Esperto, Vitinho ali construiu seu refúgio e logo se esmerou em apagar seu sotaque lusitano, aprendendo rápido a gíria paulistana. Tinha agora um disfarce perfeito para escamotear sua clandestinidade: alcoólico anônimo, transfigurado em músico respeitado no pequeno reduto da boemia enclausurada — onde a vida passava obscura e indefinida, como um negativo de fotografia nunca revelado. Mas acima da vida está o imponderável, destruindo sonhos, abrindo picadas no destino, sinalizando errantes atalhos que levam ao despenhadeiro. Vitinho acabou traído pela necessidade de sobreviver.

Os fatos

Na noite de dez de outubro de 1968, estudantes ligados à UNE (União Nacional dos Estudantes) que frequentavam a boate **Balalaika** contrataram os músicos da casa para animar uma reunião estudantil — que depois soube-se seria o 30º Congresso da UNE, a ser realizado em São Paulo, em local sigiloso, proibido que fora pela ditadura. Vitinho, precisando de dinheiro, foi para trabalhar e acabou complicando sua vida. No dia e local combinados com os estudantes, os músicos tiveram os olhos vendados — assim como os jornalistas convidados a cobrirem o evento —, rumando todos, dentro de uma perua Kombi, para um sítio alugado em Ibiúna, próximo da cidade de São Paulo, onde o tal Congresso iria se realizar nos dias onze e doze de outubro de 1968. Foram descobertos pela polícia, alertada a tempo por comerciantes da cidade, e levados presos para a cadeia local: Vitinho no meio, como prisioneiro. De lá, foram transferidos para o Presídio Tiradentes, onde levantaram sua real identidade. A fim de evitar melindres diplomáticos com Portugal, foi repatriado em novembro de 68 e, logo, esquecido nos meios musicais da Paulicéia.

Por minha vontade terminaria aqui a história de Vitinho, não fossem acontecimentos estranhos — não sei se metafísicos, paranormais, ou

extrassensoriais —, que os espíritas chamam de mediunidade e os exorcistas de possessão. Na minha opinião apenas um remorso antigo subitamente despertado por mecanismos psicológicos que, por certo, até Freud explicaria se agora aqui estivesse: manifestações eletroquímicas de um cérebro cansado, carente dos neurônios que ao longo dos anos vão morrendo, provocando alucinações, projetando imagens e criando ilusões de uma falsa realidade.

Assim de fato se passou: estava eu, solitário noctívago, lendo e relendo os rascunhos que antecedem todos os originais dos livros que escrevo, quando a figura de Vitinho surgiu em minha mente, cristalina, sorridente, perturbadora. Podia ver sua figura projetada na parede branca, atrás da máquina de escrever. Era uma visão do sonho irreal que nos confunde, quando num leve torpor despertamos de um cochilo e ainda não acordamos para a realidade.

Fiquei abalado por um susto momentâneo que provocou uma forte taquicardia, e em Vitinho comecei a pensar, reprovando-me por dele ter me afastado, quando mais de minha ajuda precisava. Justifiquei a mim mesmo ter sido impulso impensado da juventude que agora, passados trinta e cinco anos, tornou-se fato irreversível e incapaz de ser reparado.

Um drama de consciência

Noites seguidas de insônia, sempre a pensar em Vitinho, desencadearam uma sucessão de sintomas psicossomáticos decorrentes da angústia e da ansiedade. A gastrite novamente explodiu e, seguidas vezes, provocou vômitos e diarreias. Antes de alcançar a depressão, resolvi enfrentar esse drama de consciência escrevendo ao Consulado de Portugal, em São Paulo, implorando por informações de Vitinho. Esperei quase um ano pela resposta. Veio de forma lacônica, resumida — não do Consulado, mas do Departamento de Polícia de Lisboa —, dando conta de que Victor Paixão Pontes, um músico popular nas noites de Lisboa, tinha várias passagens pela polícia, sempre por conta de um alcoolismo inveterado, que o levava constantemente a atitudes de rebeldia e comportamento indecoroso. Estava com a saúde comprometida, a ponto de sofrer várias internações em sanatórios do Estado. Passara um longo período na prisão, no ano de 1974,

por ter participado de passeatas contra o regime; essa prisão aconteceu logo após ele ter subido embriagado em um palanque, atacando duramente a ditadura de Salazar. Tempos depois, com a vitória da Revolução dos Cravos, e a ajuda dos amigos influentes que ainda possuía, foi posto em liberdade, voltando a frequentar os mesmos bares e boates de sempre — onde era possível encontrá-lo bêbado, já ao início da noite. A informação resumida do chefe de polícia dizia, ao seu final, que no momento Vitinho estava internado no Sanatório Santos Óleos, na Baixa Lisboa, em lastimável estado de saúde, próximo à loucura. E nada mais.

A Decisão

Uma grande e repentina compaixão fez que eu escrevesse uma carta para Vitinho, endereçada aos cuidados daquele Sanatório, na qual eu falava sobre minhas atividades literárias, lembrando também os velhos tempos, quando éramos músicos em São Paulo. Juntei à carta os originais do que eu pretendia ser o meu próximo livro. Seis meses após o envio da carta, quando eu já nem resposta esperava, eis que recebo de volta os originais, cheios de anotações com observações sarcásticas e certeiras, que só poderiam ter vindo mesmo de Vitinho. Acompanhava a carta que me endereçou um texto denominado **Um Animal Infeliz**, segundo ele "prefácio para um livro tenebroso" (o meu); texto que ele autorizou dele eu fizesse uso como bem entendesse. Soube, depois, através de nova correspondência por mim enviada ao Sanatório, que Vitinho havia morrido muito antes da data que constava na carta que me havia enviado. Começava, com esta informação, a deparar-me com uma sequência de acontecimentos estranhos que ainda mais me perturbaram.

Aborrecido com a notícia de sua morte, resolvi tudo reescrever seguindo suas valiosas observações, tal a força emanada do seu intelecto. Estava ainda com a mente bem conservada nos vapores da nossa cachaça e da bagaceira portuguesa: que a bebida acaba com o fígado, mas abre a cabeça para o outro mundo paralelo onde poucos conseguem habitar sem enlouquecer, após uma longa viagem no trem fantasma do alcoolismo. Trem no qual passeiam aranhas, cobras e lagartos, subindo pelas paredes do inconsciente, saltando para uma realidade que mal conseguimos imaginar —

eis que a este mundo ela não pertence. Vitinho, após todos aqueles anos de desbragada boemia, poderia estar fisicamente estropiado e desenganado pela medicina, mas tinha ainda um cérebro lavado e destilado pela pureza do álcool, capaz de conceber o mundo real paralelo que nos envolve e do qual nunca tomaremos tento — cegos que permanecemos nesta vida enquanto cidadãos sóbrios, submissos e comportados.

Responsáveis que somos em demasia perante o que nos oferece uma sociedade construída para uma pequena falsa elite que se reveza no poder, contentamo-nos com as sobras e nos negamos o direito de naquele mundo paralelo habitar. Sofismamos nossa própria existência, recalamos desejos, escamoteamos o medo — e nos perdemos na ansiedade existencial que nos arrebatada de uma morte serena, que a nós mesmos nos negamos. Dirão os espantados que assim é a nossa vida. Hoje, com eles até concordo conformado, por já estar emaranhado nesse novelo sem encontrar a ponta do fio que os nós desatam, livrando-nos do embaraço de viver.

Depois de meio século de existência, sempre solícito e cordial, obediente às regras e às leis do enorme rebanho que nada mais faz do que ruminar sua infelicidade, acabei, tarde demais, descobrindo que o nó a ser desatado está no meio do rolo, embaraçado e escondido, fora do alcance de nossas retinas cansadas que negam aos olhos o ofício de ver, e longe da habilidade de mãos antigas, agora trêmulas, que recusam o gesto de encontrar e desatar.

E em estando assim a vida para os macacomens, afirmo e reafirmo que nunca assim estive para Vitinho. A ele devo a força que tive para tudo de novo reescrever, mesmo contra a vontade do imaginário coletivo ao qual sempre pertenci. E, perdido no meio da inconsciência universal, agora me desfazo, em esforço e pensamento, apenas para alcançar a pífia glória de nada daqui levar depois de morto e enterrado, e sem que de meus bens um dia alguém desfrute, porque nada deixarei. Nada deixarei porque nada fui, como ninguém nunca foi nem um dia será — eis que nenhum mal há que sempre dure e todo o bem um dia se acaba, como já estava escrito nas palavras dos profetas e dos ateus. E assim escrevendo não sou mais eu quem controla o texto, mas tão-somente Vitinho, incorporado em espírito ou pensamento, se é que espírito existe e, se existir, possa em alguém se incorporar. Nada foi, é, ou será; somos apenas a matéria que se desfaz com o

tempo, até findar e se dissolver nas exéquias terrenas, após o cessar de prantos: o pó que ao pó retorna, como Cristo outrora já reconheceu, e o macacômem ainda não aceitou.

Nisto agora eu penso e todo me arrepio — talvez pela certeza de estar Vitinho morto —, imaginado até possa realmente ter em mim seu espírito incorporado. Movido por uma estranha força continuo batendo freneticamente na máquina de escrever noite adentro: que só a noite é que traz inspiração para a cabeça. Todo o meu corpo, como num transe ou possessão, hipnose ou coisa semelhante, agora vibra nas trevas: que só nas trevas habita a loucura, com seus demônios que os livros escrevem. São esses demônios que guiam nossas mãos com a caneta sobre o papel, ou os dedos sobre o teclado, levando todo o escrito, ao depois de terminado, para outros ensandecidos que os imprimem e distribuem, espalhando volumes com palavras encadeadas e encadernadas que vão encantando uns, desencantando outros, revoltando os conformados e abalando os estabelecidos — que esta é a verdadeira missão da literatura que não seja de enganar.

Epílogo

Estou, nesta madrugada, ao findar esta nota, mais exausto que **cavalo de umbanda** depois de trabalhar uma noite inteira recebendo Exus. Termino esta longa e cansativa Nota Preliminar — que fica como parte primeira do livro propriamente dito —, não denominada Nota do Autor por ter fugido, desde o início, à minha vontade; ou por me deixar conduzir, em pensamento e obra, a um tempo sem registro na memória: uma memória cansada e apagada pela labuta diária em ofícios outros que estão sempre nos obrigando a prestar contas de tudo, recolhendo um absurdo tributo à vida em moedas de sofrimento — que do sofrimento nunca se livrará a humanidade. Nem esta, nem a que virá nos próximos milênios, sentenciado que foi ao macacomem que de 2.000 jamais passaria, mas passará, porque profeta algum poderá prever o futuro de uma humanidade desumana.

Segue o prefácio de Vitinho, como segunda parte deste arrazoado, indispensável pelo seu conteúdo. Porque esta, acredito, tenha sido a sua vontade quando, em delírio, viu aquilo que os sóbrios recusam enxergar: a vida é uma, e pouco dela nos é permitido viver. E o que resta da nossa vida também está perdido no vazio do nada que nos espera, escondido no falso manto da eternidade, um dia prometida como redenção aos pobres de espírito: o que Vitinho jamais foi.

Capítulo II

UM ANIMAL INFELIZ

(Prefácio para um livro tenebroso)

Victor Paixão Pontes*

*Uma coisa sou eu, outra são meus escritos. Aqui, antes que eu fale deles próprios, seja tocada a pergunta pelo entendimento ou não entendimento destes escritos. Faço-os displicentemente quando convém, de qualquer modo: pois esta pergunta não está no tempo. Eu próprio ainda não estou no tempo, alguns nascem póstumos.
Nietzsche (Ecce Homo).*

Fez-me espanto ter recebido, cá em Portugal, os originais do livro de um estimado amigo que há tantos anos não vejo, acompanhado de uma comovente carta na qual me revela um sentimento de culpa por ter de minha pessoa cedo se afastado. Não percebeu ele que fui eu, com minha conduta desatinada, que do mundo me afastei, a ponto de estar agora abandonado, tanto quanto ao nascer, neste quarto promíscuo de um sanatório, onde percebo findar os meus dias em lenta e lúcida agonia — que o destino assim traçou e a este precipício me conduziu. A correspondência mais me intrigou por insinuar que desejava de minha pessoa um prefácio para o livro. Antes de um reconhecimento ao talento que nunca tive, o convite era uma forma de meu estimado amigo acalmar um antigo remorso, por força de uma possível dívida que achava ter para comigo; um remorso que, agora, atormentava-o sobremaneira. Somente dei-me ao trabalho de escrever estas linhas — para mim, tarefa por demais penosa — em reconhecimento a tudo que me fez ele nos poucos anos de nossa convivência.

Parcos são os meus pendores para a escrita, embora muito grande a minha paixão pela literatura. Iniciei o prefácio, por essa razão, citando

Nietzsche; e mais citá-lo-ei, quando de socorro precisar para ilustrar este obscuro texto. Sabia o Flávio escritor de poemas e crônicas em vagas horas, nos intervalos permitidos pela labuta constante nos meios musicais, em noites paulistanas de boêmias aventuras. Muitas vezes mostrei-lhe os meus escritos: sempre mal traçadas linhas que Flávio lia pacientemente, tecendo loas ao que ele dizia ser minha veia literária (embora eu tivesse a certeza de que não passava apenas de bondade sua para comigo). Agora, creio, exagerou na confiança, movido pela emoção, escolhendo a mim, anônimo noctívago, para esta missão de prefaciá-lo um livro, o que está muito acima da minha competência física e mental. Mas, como a um amigo nada se nega, vejo-me obrigado a dar cabo de tal tarefa. Isto só foi possível lendo e relendo os originais das histórias que só poderiam vir de quem sempre foi dado a chistes e trocadilhos de mau gosto. Apesar da ironia, meu amigo trazia olhos de enxergar a vida na sua realidade mais crua; nunca olhos de agradar, fingindo que nunca vê: que é assim que vivem os conformados e infelizes “macacomens” — como ele dizia dos seus semelhantes —, sempre bem comportados diante de tão imbecil humanidade que convive eternamente com a hipocrisia, aceitando pacificamente as regras que nos impõe a civilização, fazendo de nós todos animais infelizes...

À custa de muito pensar, ocorreu-me, por prefácio, recordar os "papos", como se diz aí no Brasil, nos finais de inúmeras madrugadas quando discorriamos sobre nossa filosofia despretensiosa na mesa do **Restaurante do Morais**, degustando um filé com fritas, quando tínhamos algum dinheiro, ou no **Restaurante do Papai**, quando, "duros", conseguíamos apenas engolir um prato de sopa, muitas vezes requentada, após gravações de discos ou apresentações em boates de segunda categoria. E por achar eu, ao final de várias leituras dos originais, ser o livro tenebroso e o meu amigo um chisteiro incorrigível, cuidei de levar a tarefa ao nosso gosto e regalo. Socorro-me, então, para iniciar o meu prefácio, do que disse Nietzsche em **Sobre a Verdade e a Mentira**:

"O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas, poética e retoricamente transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as

verdades são ilusões as quais se esqueceu o que são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas".

Assim falou o meu mestre e, diante de suas palavras, o mundo calou; o que agora vem, falo eu em socorro do meu amigo, buscando calar seu remorso.

No princípio eram as trevas, porque nossos ancestrais primatas, no topo das árvores, tinham um cérebro pequeno, desenvolvido apenas para a necessidade de sobrevivência dos irracionais. Milhões de anos se passaram até esse ser primitivo se aventurar a descer ao chão da floresta, nele passando a habitar assumindo uma postura bípede. Só se fez a luz quando o macacomem (como o meu amigo acertadamente dizia), acuado em cavernas e em constante alerta contra seus predadores, conseguiu desenvolver uma mínima parcela do seu córtex cerebral — o que viria a ser sua principal arma de sobrevivência. Encurtando a história: conseguiu chegar ao raciocínio e à comunicação através da palavra, fato que possibilitou-nos alcançar o atual estágio de involução. Somos apenas seres subdesenvolvidos de difícil convivência e entendimento, em que pese o uso da gravata e do paletó naqueles que procriam com fêmeas elegantes, ou o que ocorre com outros menos afortunados que se cobrem de andrajos e fornicam sob viadutos; ou ainda os marginalizados, a fazerem sexo embaixo de telhados de papelão que encimam as favelas. Nas três situações, o gozo é o mesmo, e o mesmo o resultado (como antigamente, quando os machos guinchavam no escuro da floresta, mostrando os dentes na disputa de fêmeas no cio).

Antes de haver vida já havia o Universo. Mas esse Universo só passou a existir como realidade consciente quando o macacomem se pôs a pensar no porquê de ser e estar sobre a Terra ou, ainda, de onde veio, para que veio, e para onde irá. Em filosofando, abstraiu-se dos impulsos primitivos e declarou-se animal superior, esquecendo-se de que ainda trazia toda uma carga genética transmitida durante a evolução da espécie — que até hoje nos persegue em forma de medos: da morte, da escuridão, da doença, do desconhecido. Esses medos despertaram em nossos ancestrais os primeiros sinais de inteligência e os primeiros sons guturais; mais tarde, permitiriam a comunicação através da fala.

Aliados, os dois fatores novos, inteligência e comunicação, permitiram ao macacomem a descoberta de que a fragilidade do indivíduo ficava mais bem protegida no convívio em grupos, com a distribuição de tarefas. A condição tribal facilitou a defesa da integridade física e aumentou a possibilidade de um maior número de indivíduos prolongarem a vida, compartilhando o alimento conseguido em ação conjunta. Isso tudo que estou cá a dizer é enfadonho, e já foi mais bem explicado, exaustivamente, em livros de científica sabedoria. Mas tenho de escrever sobre o assunto. E ele assim ocorre-me para chegar aonde não imagino, mas pressinto que chegarei, a fim de alcançar o meu objetivo: que é dar cabo deste prefácio para o livro tenebroso do meu amigo.

Então, retomando o que dizia eu do macacomem: formou as primeiras tribos, nas quais haveria logo de aparecer uma hierarquia, determinada a princípio pela força e, mais tarde, pela inteligência. Com a predominância da inteligência sobre a força, o controle do poder passou a ser exercido através de uma escala de valores que acabou por dividir esses embriões de sociedade em duas classes distintas, que assim até hoje permanecem: dominantes e dominados. Mais tarde, esses grupos primitivos foram se transformando em aldeias, onde os macacomens mais bem-dotados, já com cérebros inteligentes, instalaram-se no poder valendo-se do medo e da fragilidade dos dominados. Criaram regras para manter o poder político, bem como divindades para explicar os fenômenos naturais como obras de deuses e demônios. Surgiu então o poder religioso, com rituais cercados de mistérios, mostrando-se capaz de caminhar em paralelo ao poder político estabelecido pela força, permanecendo os dois sempre juntos e aliados, nas mais diversas formas de conluio e conchavos, mais tudo o que possa fazer um semelhante a outro. Esta foi e será sempre a lei estabelecida para viver-se no chão, em postura bípede: o que contraria a nossa origem primata e serve para explicar as dores na coluna, problemas nas articulações e outros males, do que se vale a medicina para explorar os infelizes macacomens sofredores que a tudo recorrem para prolongar a vida, sonhando serem um dia imortais, para não dizer eternos.

Socorre-me a esta altura, quando tenho pensamento confuso e cansado, um trecho de Nietzsche em **Humano, Demasiadamente Humano**:

"A teologia inteira está edificada sobre o falar do homem nos últimos quatro milênios como de um eterno, em direção ao qual todas as coisas do mundo desde o seu início tenderiam naturalmente. Mas tudo veio a ser; não há fatos eternos: assim como não há verdades absolutas".

Sem fatos eternos e sem verdades absolutas, estranha-me até hoje permaneça ainda viva outra forma de exploração concebida por um cérebro privilegiado, em remota época, ao observar o apego que os macacomens tinham à vida e o pavor desmedido diante da morte. Por demais esperto foi o bestunto que ofereceu a primeira proposta de sobrevida através da invenção da alma e sua salvação, desde que obedecidos os rituais de religiosidade praticados por sacerdotes ligados à classe dominante; espertos, estenderam aos reis a auréola de divindade, vinculando fortemente o poder político ao poder religioso.

A permanência desses dois poderes aliados, tanto na condução da política como na supremacia da classe dominante, através da opressão religiosa, só foi possível porque a grande maioria da classe dominada, os **inferiores**, não conseguiu acompanhar o desenvolvimento da pequena casta que se constituiu em minoria dominante, os **superiores**, por carecerem os dominados de uma melhor condição física e mental, resultado só alcançado por crias bem alimentadas e protegidas do trabalho pesado, longe do sol e das intempéries, com acesso à educação: o que até hoje é negado pelo Estado aos mais pobres, para melhor exercer o seu controle sobre as massas; e também negado pelo cristianismo, que exalta o sofrimento como forma de salvação da alma.

Para chatear ainda mais aqueles que torcem o nariz quando deste assunto fala-se abertamente e sem medo, deixo a palavra com quem tem capacidade para dizê-lo com propriedade e sabedoria:

"O cristianismo é a forma acabada de perversão dos instintos que caracteriza o platonismo, repousando em dogmas e crenças que permitem à consciência fraca e escrava escapar à vida, à dor e à luta, e impondo a resignação e a renúncia como virtudes. São os escravos e os vencidos da vida que inventaram o além para compensar a miséria; inventaram falsos valores para se consolarem da impossibilidade de participação nos valores

*dos senhores e dos fortes; forjaram o mito da salvação da alma porque não possuíam o corpo; criaram a ficção do pecado porque não podiam participar das alegrias terrestres e da plena satisfação dos instintos da vida. Esse ódio de tudo o que é humano, de tudo o que é **animal**, e mais ainda de tudo o que é **matéria**, esse horror dos sentidos... esse temor da felicidade e da beleza; esse desejo de fugir de tudo o que é aparência, mudança, dever, morte, esforço, desejo mesmo, tudo isso significa... vontade de aniquilamento, hostilidade à vida, recusa em admitir as condições fundamentais da própria vida".*

Mais adiante, para completar o raciocínio, prossegue:

*"Se é uma felicidade, se é uma ambição por uma nova felicidade em um sentido qualquer, aquilo que firma o vivente na vida e o força a viver, então talvez nenhum filósofo tenha mais razão do que o cínico: pois **a felicidade do animal**, que é um **cínico perfeito**, é a prova viva da razão do cinismo".*
Nietzsche (**Considerações Extemporâneas**).

Para concluir as citações (prometo que é a última para esclarecer, ou justificar, este meu escrito), transcrevo o que o mesmo Nietzsche disse em outro trecho de **Humano, Demasiadamente Humano**:

"Enquanto o Estado ou, mais claramente, o governo, se sabe constituído tutor em nome de uma multidão incapaz e, em função dela, pondera a questão: a religião deve ser conservada ou eliminada —, ele se decidirá, com máxima probabilidade, pela conservação da religião. Pois a religião sossega a mente do indivíduo em tempos de perda, de privação, de pavor, de desconfiança; portanto, quando o governo se sente sem condições para fazer diretamente algo para mitigar os sofrimentos da alma do homem privado e mesmo diante de males gerais, inevitáveis, e, de imediato, inelutáveis (fomes, crises monetárias, guerras), a religião assegura um comportamento pacato, paciente, confiante da multidão".

Estado e religião – irmãos siameses inseparáveis – para assegurarem a própria sobrevivência acabaram por dividir as aldeias em castas dominadas

por uma minoria, para a qual todos os demais indivíduos inferiores trabalhavam em tarefas as mais diversas, determinando o aparecimento dos primeiros sinais de riqueza concentrada em mãos poucas que, sabiamente, exerciam o seu poder político tirano, abençoado pelo poder religioso paralelo, contra o que se revoltaram Jesus e tantos outros santos e sábios: e mataram a todos, por assim se manifestarem publicamente em defesa do povo, pois isto só é privilégio daqueles poucos que desfrutam ou compartilham dos dois poderes maiores (o político e o religioso). Tão-somente a estes é permitido, através de seus membros ilustres, dizer as coisas que imaginam certas, na hora certa de enganar — assunto que me acudiu escrever em complemento às citações de Nietzsche, ao rolar da pena, já que a tudo me proponho e a nada chego com a clareza necessária.

Como não consigo falar, desde o início, sobre o objeto central deste livro: o macacomem infeliz a que se refere meu amigo músico, já agora escritor (o que dá na mesma, sendo ambas fainas ingratas de difícil reconhecimento), confesso meu embaraço e escuso-me pela dificuldade. Vou, escravo que agora sou de um corpo debilitado e de uma mente alucinada, usar as forças que ainda me restam para falar de um outro fato, paralelo ao estabelecimento do poder entre os macacomens, fato este de igual ou maior importância que o político-religioso, mas de muito interesse para a continuação da espécie: nada mais do que a descoberta gradual da sensualidade em substituição ao simples acasalamento macho-fêmea da idade da pedra, que perdeu o significado bestial diante da idade chamada da razão. É uma fórmula mágica de acasalamento que se mostrou maravilhosa em sua concepção e que acabou por tornar-se trágica em sua realização: **a família**.

Aos escandalizados pela colocação explico que, **família**, na essência, deveria ser o pai, a mãe e os filhos, vivendo sob o mesmo teto, formando uma nova linhagem genética, compartilhando o casal da sensualidade na proteção e intimidade de quatro paredes, em obediência a um impulso primitivo que se convencionou chamar de amor. Maravilhoso seria, se assim fosse. Na prática seria melhor ainda, não se tivesse transformado na aberração que aí está, quando fugiu do conceito inicial e passou a aglutinar uma gama de diferentes personalidades ligadas pelo sobrenome, tanto à mulher quanto ao marido, aos quais se vão somando outros, admitidos

através de casamentos dos descendentes mais próximos, formando uma cadeia de indivíduos sem nenhuma identidade genética e com diferentes formações culturais e religiosas: um convívio de desiguais, propício a constantes choques de personalidades. Sofre sempre, e mais, o casal melhor estruturado, a quem debitam todos os problemas financeiros, afetivos e de saúde, desestabilizando a união que era para ser indissolúvel, por amor. Só por amor? Também com muita frequência por interesses financeiros, por imposição dos pais, gravidez indesejada; variantes validadas todas pela hipocrisia, protegidas por leis e religiões que regem a sociedade. A monogamia é, pois, decorrente da falsa crença de ser esta a única fórmula capaz de dar continuidade à raça sem uma promiscuidade sexual. Exigem as hipócritas estruturas sociais, como condição maior, um discutível conceito de fidelidade que nunca foi e nunca será um comportamento instintivo, dada a nossa linhagem de origem, quando em bandos os primatas machos cruzavam com várias fêmeas no cio.

O quanto nós rimos de tudo isso naqueles bons tempos, nas mesas das calçadas dos bares, entre cervejas e uísques, atentos ao trabalho das prostitutas assediadas por pessoas tidas como distintas em seu meio. Eram os mesmos senhores de sempre: durante o dia, sérios e respeitados em seu trabalho; em noites de gala, recebidos com pompa em reuniões sociais elegantes: nelas compareciam sisudos e com ares de dignidade, em companhia de suas esposas. Os mesmos que agora, protegidos pela noite, buscavam o prazer entre dodivanas; os cínicos animais aos quais Nietzsche se referiu.

Tudo isso se passava junto aos nossos olhos observadores, ora no bar Pingão, do Largo do Arouche, ora quando ficávamos em frente ao Cine Oásis, na Avenida São João, observando o desfile de prostitutas e travestis que fazia corar de vergonha os casais que ousavam aventurar-se à noite por aquelas paragens. Lembras-te disto, meu amigo? Frequentávamos o que os “puros” chamavam de “boca-do-lixo”. Não sabíamos, então, se éramos a boca ou o lixo, metidos que estávamos na mesma lata, a ditadura lá fora oprimindo o povo, prendendo e matando os opositores do regime. E a Igreja, com toda a pompa e circunstância, abençoando os ditadores de plantão, celebrando casamentos de conveniência, exaltando uma impossível monogamia, incentivando passeatas dos debiloides da TFP (Tradição,

Família e Propriedade). Creio que, desde então, já estava a andar pela cabeça do meu amigo músico-escritor o esboço de um livro sobre a triste sina do macacomem, um animal infeliz.

Agora, mais próximo do tema no início proposto, e depois de muito a cabeça ficar a esquentar, torna-se fácil evidenciar a conduta hipócrita e conservadora dessa sociedade que finge estar atenta a cada matrimônio, exercendo um poder de polícia para que sejam cumpridas as regras preestabelecidas. O conceito de liberdade está cada vez mais restrito, cerceando o direito pessoal de cada cidadão. O indivíduo de hoje pouco difere de seu antepassado primata. Mesmo pensante, continua a ser aquele mundo impenetrável, com anseios e desejos muito particulares, e personalidade sujeita a mudanças com o passar dos anos. O respeito à individualidade, por si só, já cria dificuldades na convivência a dois. Quando interferências externas começam a cobrar as limitações impostas pela regra universal, surgem conflitos que, na maioria das vezes, acabam por dissolver o que era para ser indissolúvel.

A par da cobrança da sociedade existem as cobranças internas, afetivas e financeiras, inerentes à instituição familiar. Acontecem tais cobranças porque, através de gerações, os filhos sempre foram vistos como futura força de trabalho em benefício dos pais, ou mesmo de familiares mais próximos, os quais **têm a obrigação** de assistir até à morte. Este é um comportamento exclusivo do macacomem, único no mundo animal, e decorre de uma infância e adolescência totalmente dependentes, quando desenvolvem o hábito (melhor seria dizer o reflexo condicionado) de tudo receber sem nada dar em troca. Este comportamento parasita se espalhou pela **Grande Família**, despertando um sentimento exacerbado de parentesco pernicioso, que limita a liberdade plena e o desenvolvimento individual dos descendentes, em sua maioria incapacitados para cuidarem da própria vida.

Reforço a tese argumentando que, se observarmos povos de diferentes raças que habitam as variadas regiões do planeta, veremos que uma característica sempre presente é a diversificação no grau de desenvolvimento de cada indivíduo. Não existem, mesmo entre irmãos, duas pessoas iguais. Se há uma semelhança física capaz de confundir estranhos, não haverá nunca uma semelhança de personalidade, inteligência ou capacidade de realização. O macacomem, já como racional, padece de um desenvolvimento intelectual

que lhe permita ser competitivo e capacitado a resolver seus próprios problemas existenciais. Essa condição de incapacidade latente, quando precedida de uma educação equivocada na família de origem, o que é uma constante, gera indivíduos com distorções psicológicas as mais diversas, que vão desde a timidez até a neurose e esquizofrenia. Em alguns casos, alcançam a loucura da qual este seu amigo é apontado como portador, em adiantado estado de alucinação.

A partir do inter-relacionamento a que estamos obrigados após o casamento, vemo-nos cercados de personalidades estranhas às nossas origens, as quais passam a participar, direta ou indiretamente, do nosso convívio, através de laços sagrados de família os quais nossas condições morais, religiosas e sentimentais proíbem-nos de romper. A fim de mantermos as aparências e sermos aceitos pela sociedade que polícia a todos, trocamos a busca da felicidade pela passividade acomodada de **animal social**. Esse quadro de opressão do macacomem pelo macacomem foi agravado com o aparecimento da moderna sociedade de consumo, que estimulou a competitividade em busca de *status*, medindo-se a importância do indivíduo pela sua capacidade de acumular riquezas. Hoje, os chamados "poderosos" são olhados com admiração e benevolência por força de sua riqueza, com permissão para violarem todas as regras, impunemente, de acordo com a fortuna acumulada.

Disto muito se ressentiu a classe chamada "média", para a qual o dinheiro passou a ser um fator relevante de tensão, comprometendo a estabilidade dos casais e promovendo o distanciamento entre grupos da mesma família. As consequências desse modelo falido de relacionamento resumem-se a problemas extraconjugais, oriundos do grande conglomerado **família**, e seus estranhos componentes. O casamento como união homem-mulher vai-se deteriorando por interferências que minam a resistência do casal e comprometem uma celebração que foi concebida, a princípio, para durar **até que a morte os separassem**.

Dirão os escandalizados que não é bem assim; que a felicidade até existe. Acaso já ousaram questionar os casos de **união duradoura** que se nos apresentam como exemplo de felicidade? Será o sentimento denominado "amor" o único responsável por todos os casamentos que duraram uma vida inteira, e são citados como exemplos de perfeição? Quantos deles não estão a

arrastar-se, vida afora, apenas por medo das penalidades previstas em leis, ou medo dos castigos divinos que nos premiam com céu ou inferno? Não serão estas duas Justiças injustas (a dos homens e a divina) as maiores responsáveis pelas falsas aparências que mantêm unidos os casais, sendo a infelicidade disfarçada diariamente com um riso calculado, reflexo condicionado a enfeitar o rosto vincado pela tristeza da solidão a dois? E o que dizer dos que permanecem juntos toda uma vida só para salvar as aparências, ou preservar os filhos dos traumas de uma separação?

Para todas essas perguntas tenho a certeza de que nunca encontraremos respostas exatas. Os que se submetem passivamente ao jugo cruel de estar vivo jamais terão a coragem de assumir abertamente sua infelicidade, sua condição de **animal infeliz**.

Conclusão

Bípedes primitivos de andar hesitante seguimos a passos lentos o longo caminho da evolução, carregando nas costas um pesado fardo no qual o destino colocou os desejos da carne — hoje catalisados em fórmula equivocada, através de uma química genética, no confuso laboratório do cérebro que sintetizou a ideia inicial de família. Podemos concluir agora, já maduros e distantes da juventude que outrora nos iludiu sobremaneira, que pouco ou nada evoluímos: perdemos apenas o rabo e alguns pelos.

Da treva no topo das árvores à luminosidade colorida das telas das televisões e dos computadores, caminha o macacomem ao final de cada dia. Todas as tardes, ombros curvados e braços caídos ao longo do corpo, volta à procura de sua caverna iluminada, agora no topo dos edifícios: assim como era no princípio e assim como será até o fim dos tempos.

Por tudo isto que tive a coragem de sempre dizer, e agora escrever, cá em Portugal dizem os gajos que estou louco. Pois, pois...

**Victor Paixão Pontes: músico português, viveu clandestinamente no Brasil entre 1961 e 1968, quando foi repatriado. Oficialmente dado como morto em outubro de 1995, constou do seu atestado de óbito ter morrido por cirrose hepática, decorrente de alcoolismo crônico que o levou à loucura. Nos registros da polícia de Portugal consta que seu corpo, após três dias no necrotério não foi reclamado, sendo enterrado como indigente em um cemitério de Lisboa. Este prefácio, citado como de sua autoria, não tem nenhum documento comprobatório de sua origem e, tendo em vista as condições de sua morte, existe uma grande probabilidade de que não estivesse em condições de saúde que lhe permitissem se desincumbir de uma tarefa de tal fôlego. Esta a razão pela qual é aceita a explicação espiritual de que o presente prefácio tenha sido uma obra psicografada involuntariamente pelo autor.*

Capítulo III

O MORTO

(Estava tentando reescrever o livro — atormentado pela interferência do espírito de Vitinho, irritado pela baixa temperatura de um inverno incomum nestas paragens —, quanto aconteceu a morte de um familiar idoso, doente havia muitos anos, que vinha sofrendo além dos limites humanos, em lenta e dolorosa agonia. Esse incidente desagradável obrigou-me a interromper meu trabalho literário por dois dias e a assumir a responsabilidade de providenciar o enterro — uma vez que, entre todos os parentes, só eu estava disponível naquele momento. O acontecimento inesperado inspirou-me os capítulos que seguem, em forma de crônicas, com a devida intromissão de Vitinho — motivo bastante para que fossem incluídas no livro.)

No mês de julho as noites costumam ser frias, mesmo sem um inverno rigoroso. É a pior época do ano para se deixar morrer. Os que ficam enfrentam dupla sensação de desconforto: a natureza gelada e o calafrio que experimentam todos os que já passaram uma noite no necrotério. O cheiro, o defunto na mesa coberto por um lençol, a espera do agente funerário que não chega nunca, o estar ali sozinho por instantes que duram uma eternidade — tudo isso contribui para uma náusea que causa arrepios e gela as extremidades.

Pensava nisso olhando para o corpo magro do tio estendido no mármore — rescaldo do que sobrou deste grande desastre que é a vida. Nunca se casou. Era um solitário, a princípio neurastênico-deprimido. A idade, a longa convivência com duas irmãs solteiras e hipocondríacas, mais uma fratura no fêmur, selaram seus últimos anos no isolamento ao qual se condenou, já esquizofrênico e com mal de Parkinson. Como se costuma dizer, um infeliz. Ou, como querem os espíritas, prisioneiro de seu karma, expiando culpas de encarnações anteriores.

E quanto a mim? Estarei aqui sozinho a esta hora da noite, também expiando meu karma? Ou apenas espiando o defunto, como se fosse um

objeto de cobiça de ladrões? Ou por medo de que ele ressuscite, como Lázaro, e fuja pelas ruas desertas, nu em plena madrugada, fazendo corar de vergonha nossa família centenária? Nada disso. Estou aqui nesta noite fria sozinho (o agente funerário que não chega nunca) somente porque sou daqueles animais imbecis de que falou Vitinho, que vivem sobre a Terra e, por acaso, pertencem ao gênero humano. Fosse eu um irracional estaria cuidando de minha sobrevivência, pastando pelas pradarias em liberdade, sem este inexplicável peso de consciência que me obriga a ruminar meus mortos, enterrar meus mortos, morrer aos poucos com meus mortos — esquecendo-me de que o importante é viver. Até concordo que, quando em vida, devemos nossa solidariedade para com os semelhantes, amparando doentes e idosos. O que não me entra na cabeça é ter de dar atenção ao morto como se ele ainda estivesse vivo, passando a noite em necrotérios e velórios. Aguentar os intermináveis rituais religiosos e acompanhar o corpo até o cemitério — como a encorajar o defunto para que ele aceite ficar na nova casa deitado, quietinho, na certeza de que o visitaremos regularmente no dia do aniversário de sua morte, no dia de Finados, ou mesmo de repente, quando sua lembrança nos vier à cabeça. Esta a grande imbecilidade do macacomem: não aceitar a morte como complemento da vida. O medo do outro lado, o desconhecido, a ausência do ser, a escuridão, o mergulho no infinito, o julgamento divino — e não sei mais quantos conceitos absurdos que nos impõem as religiões e uma educação equivocada (de tudo isto nos falou Vitinho no prefácio) — tornaram o macacomem covarde diante da morte inevitável.

Ali está um corpo morto, bem à minha frente, que quando vivo disseram ser meu tio, por ter sido em vida irmão de meu pai. Aqui, em pé e solitário nesta fria noite de inverno, está o corpo ainda vivo de um imbecil — nomeado sobrinho do morto por afinidade paterna —, comportando-se como cão de guarda de uma inutilidade que já cheirava mal na agonia e agora começa a feder. Esta minha função de vigilante necrofílico (o agente funerário que não chega nunca) caberia melhor num religioso de fé, num espírita convicto ou mesmo num crente fanático. Quer-me parecer, entretanto, que essas pessoas, por estarem sempre preocupadas com a salvação da alma, acabam deixando as coisas materiais para os materialistas. Convencidos da sublime metafísica divina que lhes foi legada intuíram que

um corpo morto, malcheiroso, inerte, frio é matéria terrena e escapa aos conceitos extraterrenos dos espiritualistas. A eles cabe missão superior: orar pelo espírito do morto, implorar pela salvação da alma do morto; principalmente, ficar distante do corpo fétido do morto, para não contaminar o caminho de luz que o elevará até o paraíso. O tonto aqui, fodido pela gastrite, morrendo de frio na sala do necrotério, sabendo que tudo acaba ali, em cima da mesa gelada — e que de há muito se esqueceu das rezas e está pouco se lixando pela salvação da própria alma —, é o único que encara a dura realidade da vida. A vida é a única coisa que nos pertence. Ela nos ensina como enfrentar a morte desde o momento que a morte ronda, pondera, decide e, lentamente, vai se instalando na enfermidade de corpos falidos. Os poucos macacomens que aprenderam esta lição maior e venceram todos os medos suportam o cheiro da morte, o frio da morte, a morte da morte, sabendo que nunca haverá nenhum crédito em contabilidades celestes; são os únicos senhores da própria vida e têm a medida exata de sua inutilidade.

Sempre fico puto da vida com essa frescura com os mortos. Daí eu descambar para a linguagem vulgar e apelar para os palavrões: não há melhor maneira de se fazer ouvir em temas tão polêmicos e, como achava Vitinho, tão tenebrosos. Fico assim irritado porque, nessas ocasiões, desaparece "a grande e unida família". Sempre acaba sobrando para uns poucos que têm colhões bastante para não se refugiarem, como a maioria do clã, em "neuras" hereditárias ou reuniões contritas em que desfiam terços e ave-marias, invocando espíritos protetores e implorando o perdão do Pai Celeste para a alma recém-desencarnada. Este infeliz, na agonia, expiou mais culpas do que qualquer deus de bondade seria capaz de impor a uma criatura miserável, nascida ao acaso no rebanho dos macacomens — ao qual pertence também o agente funerário que não chega nunca.

"Você está sozinho?" finalmente, alguém da família.

"Não. Estou com o nosso querido defunto, trocando ideias sobre o além."

"Calma. Não precisa se irritar. Está cansado e muito tenso."

"Absolutamente. Estou mais calmo do que você possa imaginar. O nosso querido tio ali deitado, embora de aparência horrível, estava me relatando as suas primeiras impressões quando da sua entrada no Reino dos Céus. Não se queixou mais das dores, como ontem fazia no leito do hospital.

Disse-me que está "numa boa" lá em cima; a turma é legal. Admirou (e isto fica entre nós) ser merecedor de um comitê de recepção ainda quando agonizava; e nem era hora de visitas. Entraram pelas janelas atravessando as grades; outros vieram pelo forro. Surgiam de todos os lados, como nos efeitos especiais dos filmes de Spielberg, com a vantagem de serem precedidos de delicado aroma celestial. Alguns desceram lentamente em raios de luz, angelicais, sorridentes, convidando-o para a grande viagem. Sabe quem eram eles? Os irmãos, os amigos e conhecidos já mortos, em comitiva precedida por anjos de rica plumagem. Uma festa. Burros somos nós, a lamentar a morte dele."

"Acho a hora imprópria para sua maldosa ironia. Se não acredita, tudo bem; até concordo, desde que respeite a crença alheia. Daí, a achincalhar o morto e a convicção religiosa dos outros, seja ela qual for, vai uma distância enorme."

"Distância enorme havia entre os familiares, quando o tio estava vivo. Ninguém comparecia para ouvir as suas queixas, curar suas feridas, limpar a bosta e a urina quando ele fazia tudo na cama. Era mais confortável orar por ele do que limpar a bunda dele. Digo mais: convicção religiosa é maneira fácil e cômoda de entregar tudo a Deus e ficar de mãos limpas e asseadas folheando a Bíblia, desfiando terços, cumprindo promessas, invocando espíritos protetores em volta de uma mesa branca. Materialismo é outra coisa: é meter a mão na massa, estar sempre disponível para tudo, sem desculpas, resolvendo a situação na raça, não na reza. Agora, se me der licença, meu materialismo exige que eu complete a tarefa (o agente funerário finalmente chegou), ajudando a vestir o titio para a reunião familiar íntima que faremos realizar no Velório Municipal, onde a família poderá exaltar, noite adentro, as qualidades do falecido."

Acredito ter sido por demais ferino. Meu parente saiu do necrotério de cara amarrada, pisando duro, com certeza magoado por tudo o que eu havia dito. No fundo, ele tem razão. Sei, por experiência própria, o quanto é difícil ficar muito tempo junto a um morto, sentindo aquele cheiro nauseabundo de eternidade.

***Observações de rodapé:**

Confesso-me surpreso ao ler o que eu mesmo escrevi, seguindo as sugestões de Vitinho através de anotações que ele fez nos originais.

Quando me decidi a reescrever este capítulo, a coisa novamente aconteceu: perdi o controle do consciente e deixei que minhas mãos corresse soltas pelo teclado da máquina, dominado que estava por estranha possessão — semelhante àquela experimentada quando redigia a Nota Preliminar —, fato que acabará me desqualificando como autor da obra ou, pelo menos, fazendo crer o leitor ter sido ela escrita a quatro mãos, com a ajuda de um espírito (de porco) possessivo. Mais intrigante se torna ainda o texto sabendo eu estar Vitinho morto e, por esta razão, com conhecimentos sobrenaturais suficientes para colocar com precisão os delírios presentes na agonia, quando a alma (ou espírito) reluta deixar o corpo.

Entretanto, será necessário explicar que, desde a minha infância, tenho lido e ouvido relatos dessa natureza com relação à agonia — inclusive sobre a ilusória vida após a morte. Essas recordações de infância, que tanto me aterrorizavam no passado, com certeza voltaram à minha mente confusa; tão confusa a ponto de deixar-se levar por uma falsa ilusão de que meu falecido amigo Vitinho é que estaria a "ditar" ou mesmo a "reescrever" trechos, ou ainda capítulos inteiros destes meus rascunhos sobre o macacomem.

Capítulo IV

O VELÓRIO

Quando saí do necrotério já passava da meia-noite. As ruas estavam desertas e o vento frio soprava ainda mais forte. O fusquinha velho demorou a dar a partida. Foi preciso eu empurrá-lo, ajudado pelo agente funerário, fazendo-o pegar no tranco. E lá fui eu, sonolento e com azia, dentro daquela sucata ambulante que a custo começou a se mover, tossindo e sacolejando sobre o calçamento irregular e mal conservado.

No prédio do velório poucos familiares aguardavam a chegada do corpo. Os demais parentes só viriam no dia seguinte, na hora do enterro. Minha vista ardia, e o corpo cansado das noites maldormidas no hospital pedia cama. Entrei. A matéria inerte já estava devidamente arrumada dentro do caixão, pronta para ser lamentada em rápido concílio familiar de despedida, e se destacava entre ornamentos de aluguel e flores que pendiam murchas, já sem perfume, soltando pétalas que se misturavam com lágrimas de ocasião derramadas por olhos confusos e sonolentos no chão neutro da municipalidade.

Estas e outras frases longas, de duvidoso valor literário, estavam anotadas por Vitinho nos originais e acabaram no texto à minha revelia: com o que já me acostumo e concordo, uma vez que desisti de lutar contra essa força estranha que a toda hora que escrevo de mim se apodera, embora no sobrenatural insista eu em não acreditar.

Esforço-me para retomar o controle do texto recordando-me de que, por estranhos desígnios, todos os que me couberam vigiar na doença sucumbiram em lenta e dolorosa agonia, estampando agora na face lívida a suave máscara da matéria serenada. Olhando o tio morto no caixão, tive por instantes a impressão de que escondia um leve sorriso no canto direito da boca semiaberta. Não mais a hipocondria genética, os traumas da orfandade precoce, a conduta medrosa dos neurastênicos-deprimidos que a fortuna abandonou nos primórdios da adolescência.

"De que adiantou cuidar tanto do corpo?", falou dentro de mim a voz misteriosa que me dominava. "O que se gastou nesta família, com médicos e remédios, foi uma coisa muito séria". E prosseguiu: "Qualquer dor de barriga, médico. Se cagava, tomava remédio para prender; se prendia, tomava remédio para cagar. Taquicardia, bradicardia, pressão alta, pressão baixa. Comprimidos para dormir, para acordar, para cochilar, para relaxar; litros de álcool para desinfetar tudo; e a coisa desbundava para um caminho de endoidar os que estavam mais próximos e propunham-se a prestar alguma ajuda". E a voz misteriosa terminou dizendo: "Jamais ganharam para isso, e tudo isso dos descendentes exigiam. Recebiam — por muita sorte, pois nunca trabalharam — uma aposentadoria miserável que mal dava para comer. Só que gastavam tudo com enfermidades imaginárias; tão doentes os coitadinhos que passavam todos dos setenta e cinco anos, alguns alcançando invejáveis marcas acima de noventa. Quisera, meu amigo" — insistiu a voz —, "ter sido 'doente' como eles foram durante a longa vida que tiveram. Enterraram quase toda a família".

Já não conseguia mais dominar meus pensamentos; muito menos deixar de escrever o que estava sendo ditado no meu subconsciente por força incontrolável à qual desisti de resistir. Sabia ser o Vitinho, agora embriagado pelo éter do além.

"Volta à baila a teoria do que eu ousei chamar A Família", retornou a voz interior. "Quem socorreu com donativos e assistência tudo o que eles exigiram para viver? Os parentes, os sobrinhos, até vizinhos e amigos, todos atarefados e procurando sobreviver diante de seus próprios problemas. Motivados por sentimentos cristãos e vínculos indissolúveis de um parentesco parasitário, quantas vezes os parentes não se sentiram privados de coisas essenciais em sua casa para socorrerem financeiramente esses "órfãos anciãos" desamparados, que foram durante toda a vida incapazes de solucionar seus próprios problemas? Todos os esforços eram insuficientes para acalmar a lamentação diária de falta de dinheiro. Maravilhosa, meu amigo, esta instituição preservada pela Igreja e tutelada por uma sociedade que, repito, é por demais hipócrita".

"Seria bom fazer um café?", perguntou-me uma cunhada, tirando-me desse êxtase momentâneo que me impedia de pensar.

"Não. Acho melhor fecharmos o velório, irmos todos para casa dormir. Amanhã cedo, volto e abro o recinto fúnebre para continuarmos a farsa que está, a bem da verdade, aborrecendo a todos. Logo ao amanhecer, tenho de ir até o cemitério providenciar a abertura do túmulo da família e pagar a taxa exigida pela Prefeitura. Depois, vou procurar o padre para o responso. Meu saco não dá mais para ficar aqui. Estou muito cansado. Todos nós estamos cansados".

A sugestão de fechar o velório chocou momentaneamente os poucos presentes que se reuniam à minha volta. Um crime. Um pecado. Ninguém falou, mas adivinhei a insinuação no ar de reprimenda e nas variadas expressões de espanto que todos os olhares me dirigiam.

"É isso aí, continuei. Fechar o velório. Voltamos a abrir logo pela manhã; a não ser que alguém queira ficar por sua própria conta. Minha pilha já acabou".

"Vamos esperar mais um pouco", sugeriu outro parente. "Pelo menos por mais uma hora. Depois, a gente fecha e vai descansar. Será melhor para todos".

A verdade é que, no fundo, todos pensam a mesma coisa nessas ocasiões. Apenas persiste o medo de assumir a grande verdade: velório é um saco. Durante o dia, já é barra. Passar a noite é masoquismo, falta absoluta de autoestima, um cinismo do macacomem que permanece nesses lugares com fisionomia contrita. A tristeza que estampam no rosto não é pelo morto; é por si mesmo, sempre acovardado para assumir a sua própria liberdade, sem coragem para fazer aquilo que realmente o angustia: mandar tudo à merda e ir dormir sem remorsos. Então, por quê ficar? Fugir, o morto não vai. Menos ainda se sentir desamparado e solitário. Está ali, quieto, com expressão serena, própria de quem a este mundo já não mais pertence. Entretanto, observem as expressões no rosto dos vivos obrigados a passar uma noite acordados, ao lado de um defunto: todos, sem exceção, querem resolver logo o problema e ir para casa cuidar da vida. Isto mesmo. O importante é cuidar da vida. Sabemos isso por instinto milenar. Mas insistimos na realização de velórios como se fosse um dever sagrado reverenciar a matéria inerte, que na maioria das vezes desprezamos em vida. Hipocrisia descarada. (Jesus já havia descoberto isso quando disse: "deixai os mortos cuidarem dos mortos".)

Tão descarada é a hipocrisia que a maioria se livra desse aborrecido dever, reciclando o repertório de anedotas justamente nestas ocasiões. Pequenos grupos se formam deixando escapar, quando em vez, o riso disfarçado, logo substituído por lágrimas forçadas quando da chegada de um parente, sempre recebido com palavras de conforto banais e repetitivas.

"Foi melhor assim. Descansou."

"Estava sofrendo tanto, o coitado. Deus se lembrou dele na hora certa."

"Como está acabado. Não merecia ter sofrido tanto. Justo ele, uma pessoa tão boa". (Um exemplo de vida, conforme constou do ofício de pêsames enviado à família pela Câmara Municipal.)

E tudo é lugar comum. Sempre as mesmas frases feitas, ouvidas em todos os velórios. Ninguém se dá ao trabalho de procurar dizer coisas diferentes. Seria preferível calar, não dizer nada, ou mesmo não comparecer, evitando assumir essa falsa expressão de sentimento profundo: uma máscara ensaiada de compaixão, para esconder o tédio de ter de ficar ali, por horas, olhando o caixão onde o morto se aninha, exposto à visita pública como um quadro vulgar de natureza morta.

"Oh!... por favor..."; como não poderia deixar de ser, apareceu um bêbado no velório. Eles sempre aparecem nesses lugares no meio da noite. De madrugada, uma luz acesa e uma porta aberta com gente reunida em burburinho, funcionam como um chamariz. Sempre pode sobrar uma boquinha, um último gole; com muita sorte, até um salgadinho como tira-gosto. Quem sabe o que pode desenhar o álcool na cabeça do solitário perdido na madrugada, vendo tanta gente reunida numa sala iluminada...

"Pois não", respondi educadamente.

"O senhor tá com o carro aí? Sou muito amigo do falecido. Sou não. Quero dizer: fui. Conhecia ele. Dá para o senhor vir até aqui fora?"

"Diz aí. Podemos falar aqui mesmo. Lá fora está muito frio." Precisava me livrar desse embaraço rapidinho.

"Não, oh!.. Tô mal. Tomei umas a mais e vou falar. Não aguento ir para casa a pé. Moro do outro lado da cidade. O senhor me dá uma carona? Gostava muito do seu tio. Meu amigo do peito".

Sobrou mais esta para mim: condutor de bêbado na madrugada enlutada. O interessante é que eles sempre me procuram, como se eu fosse a pessoa indicada para escutar seus lamentos confusos, sempre precedidos de

um peculiar odor etílico sabiamente batizado como "bafo de onça". Aprendi, há muito tempo, que é inútil dialogar com eles. Vitinho já me convencera disso no passado: apesar de muito inteligente, como bêbado Vitinho era um chato insuportável. Mais chato se tornou agora, como morto, azucrinando minhas narrativas, com certeza se divertindo muito às minhas custas diante dessa incômoda situação familiar muito própria a seu deboche.

Decidido a resolver logo a parada, pedi o carro emprestado para minha prima e fiz a entrega etílica que me coube naquela noite agitada, deixando o embriagado "amigo" do meu recém-falecido tio em sua residência.

Quando voltei o relógio marcava quase duas da madrugada. As poucas pessoas que lá permaneceram ansiavam pela reiteração da minha proposta de fechar o velório. Não disseram nada, mas dava para perceber o indisfarçável aborrecimento que se estampava no rosto de cada um.

"Precisa acender as velas", lembrou minha mãe, preocupada e com olheiras que deixavam transparecer um enorme cansaço de tudo. E prosseguiu: "As velas estão apagadas, e isso é de mau agouro." A voz saía com muita dificuldade.

"Mãe. Nós vamos fechar o velório e descansar um pouco. Se cair uma vela acesa com o velório fechado, isto aqui acaba virando crematório. Deixa que amanhã eu acendo. Gente — falei em voz alta — vou fechar. A menos que alguém queira ficar aqui o resto da noite".

Mal comecei a fechar as janelas e quase fico sozinho. Escafederam-se todos.

Capítulo V

O ENTERRO

Dormi muito mal; menos de quatro horas. Às 6 da manhã já estava no banho. Coei o café, fiz a barba e desci apressadamente para abrir o velório, receando que algum parente, vindo de outra cidade, encontrasse tudo fechado e reprovasse minha decisão. Dada a importância do evento, não encontrei ninguém por lá. Abri, verifiquei o defunto e aproveitei para dar uma varrida no salão. Logo depois, deixei o velório aberto, o defunto às moscas, e me dirigi ao cemitério para providenciar a abertura de uma carneira onde nosso morto, a partir de mais algumas horas, iria residir em paz.

A burocracia neste país é transcendental. Primeiro foi preciso localizar o túmulo da família (nada difícil diante da minha prática defuntoria); depois, voltar à sala onde ficam os arquivos ensebados e ilegíveis para localizar a ficha onde estão anotados nomes e datas de mortos anteriores. Voltar novamente ao túmulo para, só então, decidir qual a carneira que poderia ser aberta — tudo isso em plena era da informática. Para finalizar essa empreitada tive de ir até à Tesouraria da Prefeitura Municipal pagar uma taxa e assinar um termo de responsabilidade que assegurava estar eu enterrando um morto realmente morto.

A segunda parte exigia passar na Igreja para contratar as exéquias paroquiais — um procedimento semelhante ao de carimbar o passaporte do morto para a eternidade. Não havia, no momento, nenhum padre no município para encomendar o corpo. Esta é a expressão mais correta para a ocasião: "encomendar o corpo". Nada mais existe além do corpo — uma carga acondicionada num caixão com carimbo de urgente.

Deixando as divagações, dizia eu que, na ausência de padres no município, tivemos de localizar seu preposto civil, um acólito, que nada mais é do que um coadjuvante gabaritado de missas e réquiens, autorizado canonicamente para intermediar a aceitação divina das almas dos defuntos. Só então, após todas essas providências terrenas, foi-me permitido relaxar o esqueleto nos incômodos bancos de madeira do velório onde, perto das 9 da

manhã, melhorou o afluxo de parentes e amigos para o funeral, marcado para as 10. A esta altura, derramadas as lágrimas devidas por afinidades de parentesco e amizade, a descontração do ambiente tornava mais leve a penosa empreitada. Alguns até elogiaram a minha ideia de fechar o velório durante a noite. Resumindo: rezamos, transportamos, enterramos. Tudo rapidinho, numa boa, para alívio geral de todos. Menos o meu, como vocês poderão verificar no relato que segue.

Capítulo VI

REUNIÃO FAMILIAR

Após o enterro, a reunião da parentada foi em minha casa, para decidir o que se haveria de fazer para pagar as despesas com os funerais. Estávamos todos ali na mesma condição: sem dinheiro, em plena recessão do Plano Real. Passar o chapéu seria a última medida. Ponderei que, em vista de estarem as duas tias restantes acomodadas no asilo e o casarão vazio, o melhor seria vender os móveis antigos, comidos pelos cupins, a um antiquário conhecido. Por sorte liquidei a transação em duas conversas telefônicas, tendo de aceitar um cheque pré-datado. A funerária concordou em esperar o pagamento do enterro até o cheque ser descontado.

Mas a história não terminou aí. Ainda restavam os finalmentes junto ao INSS: apresentar atestado de óbito em duas vias autenticadas, xerox da certidão de nascimento do defunto, carteira de trabalho e cartão do recebimento da minguada aposentadoria.

Depois de estar com todos esses documentos em mãos, tive de entrar numa interminável fila, cuidando de trazer também o recibo da Prefeitura referente ao pagamento de abertura da cova. Tudo documentado, consegue-se dar entrada no auxílio-funeral. Aprovado este, temos de voltar em outra data a ser designada para receber a irrisória quantia — menos do que foi gasto antecipadamente com gasolina e pedágio nas idas e vindas até aquela repartição governamental, instalada em uma cidade vizinha. Se levarmos em conta o tempo perdido, somado ao tempo do funeral, é de endoidar qualquer cristão e deixar puto da vida qualquer ateu. Tudo por causa de um fato natural a todo macacomem: a morte.

***Observações de Vitinho:** *"Parabéns, amigo, por tua imbecilidade. Tua conduta neste "doloroso" episódio foi por demais comovente. "Humano, demasiadamente humano", como diria o nosso amigo Nietzsche. Entretanto, nossa intimidade permite que eu discorde e acrescente: "burro, demasiadamente burro". Botaste este fardo às costas por teres deixado que os macacomens te metessem o cabresto da compaixão; e não percebeste que*

te levaram pelas rédeas a percorrer um destino que a ti não seria reservado, se soubesses corcovear como as bestas de rodeio. Falta-te a prática dos coices. Enforcaram-te pelos laços de família. A tua azia tem uma causa diagnosticada. Entretanto, como me revelaste em tua carta, preferes passar as noites acordado, a vomitar tua angústia, a pôr a correr todo o mundo que te aborrece. Com este livro, vais acabar recebendo o Nobel da Burrice. Vou ficar ao teu lado vigiando. Vou encarnar em teu corpo até que tomes vergonha na cara. Ou mudas, ou nunca te deixarei em paz.

Capítulo VII

PROBLEMAS CONJUGAIS

Depois do enterro, fiquei por várias semanas longe da máquina de escrever. Tinha uma vaga esperança de que, dando um tempo para me recuperar de mais uma morte na família, essa perturbação mental que vinha interferindo nos meus escritos — explicada por pessoas entendidas como interferências do espírito de Vitinho — viesse logo a desaparecer, restabelecendo minha coerência mental.

Após uma semana, certa noite resolvi reiniciar o meu trabalho literário — por sinal pouco produtivo, uma vez que, mal sentei-me à máquina de escrever, pressenti a presença de Vitinho. Mesmo assim insisti em continuar, sem grande sucesso.

"Você andou bebendo outra vez?", perguntou-me naquela noite a minha mulher quando, após tentar escrever durante horas, fui me deitar.

"Está maluca? Sabe que eu raramente bebo; e quando bebo, passo mal".

"Não sei não. Há tempos que você está com um hálito ruim de bebida. Percebo isso principalmente à noite, quando você vem se deitar. Está com bafo de pingaiada".

"Juro que não bebo nada há meses. Você sabe que me faz um mal desgraçado; acaba com o meu estômago".

"Anda bebendo sim. Seu hálito está horrível. Aliás, tenho notado que você anda muito esquisito. Talvez não tenha percebido, mas até seu comportamento está mudando. Ficou mais agressivo, e tem hora que não diz coisa com coisa. Mais parece um velho doente, desanimado. Estou para lhe dizer isso faz tempo: ou toma jeito logo, ou eu vou embora de casa. Nunca vi uma pessoa mudar tanto, tão depressa".

"Não tenho nem saído de casa", tentei argumentar. "Chego do trabalho, janto, vejo as notícias da televisão e vou escrever as minhas bobagens no quartinho dos fundos. Aliás, nem escrever tenho conseguido".

"Estou desconfiada de que você está bebendo lá no quartinho. Deve ter deixado bebida escondida em algum canto. Já andei procurando nas prateleiras, entre as garrafas vazias. É muita coincidência: durante o dia você

está bem, não cheira bebida; à noite, quando sai daquele maldito quartinho e vai se deitar, percebo o cheiro forte de bebida. Até seu suor está cheirando a álcool".

"Olha. Vivemos tão bem por longo tempo. Um de nós deve estar doido. Bebendo, juro que não estou. Ainda mais à noite. A não ser..."

"A não ser o que?"

"Nada...nada. Passou uma besteira pela minha cabeça".

"E não pode me dizer o que é? Que besteira é essa?"

Resolvi ficar calado para não complicar ainda mais a minha vida. A besteira que havia me passado pela cabeça era a possibilidade de, realmente, o espírito de Vitinho estar se apossando de meu corpo todas as noites, sempre que me propunha a reescrever os originais do meu novo livro. É um absurdo sem tamanho pensar que um espírito pudesse em mim se encarnar, impregnando meu hálito e meu suor com o seu cheiro de alcoólatra inveterado. Se contasse isso para minha mulher, aí é que ela teria a certeza de que eu estava ficando maluco.

Por outro lado, pensei, ela deve ter alguma razão no que ela me disse. Eu mesmo me sinto desanimado; principalmente à noite, quando tento escrever. Percebo um gosto ruim na boca, como se estivesse com uma enorme ressaca. Perco o controle da mente e não mais consigo escrever com a facilidade de outrora. Deve haver algum fundamento em relação ao que dizem os espíritas em casos de possessão: neste momento, sou prisioneiro do espírito de Vitinho. Não tenho outra explicação, embora insista em não acreditar na vida além da morte.

Segunda Parte

Capítulo VIII

O ENCONTRO

O verão apenas havia começado e o calor já estava insuportável. Foi numa noite dessas, quando a angústia e a insônia me atormentavam ainda mais, que senti um estranho ímpeto de sair para dar uma volta. Essa necessidade incontrollável de ter de sair à noite, contra os meus hábitos, aconteceu uma semana após eu me propor a pedir ajuda a forças nas quais até então eu relutava em acreditar. Tudo começou quando, por horas a fio, eu havia tentado escrever. Suava muito e me sentia mal como sempre: uma sede terrível, um gosto ruim de ressaca na boca, um mal-estar por todo o corpo. Essa agonia vinha se repetindo por noites seguidas e já estava me aborrecendo além do suportável. Confuso e desesperado comecei a pensar no que disseram alguns amigos, aos quais por vezes confidenciei minha delicada situação: disseram-me que eu precisava de um "passe", de uma ajuda espiritual, ou coisa parecida.

"Peça ajuda ao seu anjo da guarda", sugeriu um desses amigos.

"Bobagem", retruquei. "Esse negócio de espíritos, anjos e assemelhados não cabe na minha cabeça".

"Então vai continuar sofrendo. Nosso anjo da guarda está sempre ao nosso lado para resolver as situações mais difíceis. Recorra ao seu anjo da guarda com fé. Verá que tenho razão".

"Recorra ao anjo da guarda". Estas palavras ficaram martelando em minha cabeça por várias noites, permeando o meu desespero. Pensei muito. Como nada tinha a perder, ajoelhei-me no quatinho dos fundos — transformado em refúgio de escritor solitário — e clamei por ajuda ao meu anjo. Nada aconteceu. Nos dias seguintes, sempre à noite, reiterava o pedido de ajuda ao meu anjo da guarda, buscando me livrar do desconforto que experimentava toda vez que me propunha a escrever alguma coisa: mal-estar, gosto ruim na boca, a mulher reclamando do meu "cheiro de alcoólatra". Ou

resolvia isso, ou perdia a companheira. Aos poucos, fui desistindo de pedir ajuda. O tal "anjo da guarda" não dava sinais de vida. Caí em total desânimo e prostração.

Passaram-se alguns dias (não mais que uma semana), até eu sentir novamente a tal necessidade irresistível de sair para a rua, mesmo ciente da hora: quase onze da noite. Mas, desta vez, alguma coisa diferente acontecia dentro de mim obrigando-me — diria até arrastando-me — a sair de casa. Como um autômato comandado por controle remoto, fui para a rua deserta obedecendo ao chamado que ecoava em minha cabeça. Desorientado, acabei sentando no banco de um jardim que existe próximo à minha casa — local que, após as dez da noite, fica totalmente deserto. É um velho jardim semiabandonado, onde ainda resistem quatro figueiras centenárias e um velho coreto em desuso. Paira sobre a história desse jardim uma lenda dando conta de que, naquele local, em tempos remotos, foram enterrados um padre e uma freira (amantes talvez?!!!), e por essa razão o povo diz ser assombrado. Quem por lá passasse depois da meia-noite perdia o rumo de casa e só acordava, voltando à consciência, quando pisasse na terra do cemitério. Uma lenda tão difundida e acreditada, que deixava o local deserto bem antes da meia-noite. Como eu sempre levei a história no campo da lenda, nunca tive medo. Atraído pela tal força irresistível, sentei-me tranquilamente em um dos bancos, embaixo da copa de uma das figueiras, agora tomado de uma calma inesperada e completo relaxamento. Era como se uma paz repentina houvesse se apoderado do meu corpo, após tantos meses de alucinação e desespero com a história de Vitinho.

"Vim a pedido de seu anjo da guarda".

Como não ouvi nenhum som de palavras, imaginei estar sendo vítima de um novo delírio, por conta de meu descontrole emocional.

"Não se assuste. Estou me comunicando por telepatia".

Só então consegui ver, em pé ao meu lado, a impressionante criatura. Uma forma quase humana, coberta por um feixe de luz intenso. A luminosidade era tão forte e brilhante, que dava a impressão do estranho Ser estar coberto por uma longa capa prateada escondendo todo o corpo; escondia inclusive as mãos daquela estranha figura. Era possível visualizar apenas o rosto: sem nenhuma expressão, parecia um rosto de manequim de cera, coberto por um esmalte rosa brilhante. Observei os olhos, pouco

maiores que os olhos dos humanos normais: não piscavam. A boca, fechada, dava a impressão de estarem os lábios colados. O fantasma do jardim, pensei um tanto assustado.

"Não sou nenhum fantasma", foi a resposta silenciosa. Isto me deu a certeza de que aquela criatura estava lendo os meus pensamentos.

"Vim buscá-lo para um encontro com os meus Mestres", prosseguiu, em comunicação telepática. "Vamos livrar você dessa possessão, a pedido de seu anjo da guarda (Mentor), em troca de um trabalho. Você deve me acompanhar agora, até o local onde meus Mestres estão reunidos".

"Acompanhar você? A esta hora? Para onde? Que favor?"

"Nada posso adiantar. Vamos até a Nave de Luz. Lá, você encontrará todas as respostas".

"Não posso ir longe a esta hora", insisti, "sem avisar minha família. Se demorar muito tempo para chegar em casa, minha mulher vai ficar desesperada".

"Tempo, longe, hora... Não se preocupe. De onde viemos, toda a sua vida significa menos de um segundo porque o tempo da Terra, quando medido em anos-luz no espaço infinito de variadas dimensões, reduz a nada as horas, dias e anos que vocês contam com tanta ansiedade".

Fez um gesto rápido envolvendo-me na capa de luz prateada, como um Mandrake espacial. Quando me refiz do susto momentâneo estava no alto de um morro, dentro de um enorme feixe de luzes multicoloridas. Sentia a sensação de estar flutuando, sem nenhum peso: a impressão era a de que eu não estava mais em meu corpo.

"Você deve aguardar aqui calmamente, sem nenhum medo. Como já lhe disse viemos ajudá-lo, a pedido do seu anjo da guarda. Os Mestres já o libertaram do espírito que o atormentava. Em troca, querem transmitir uma mensagem para a Terra, através da sua pessoa. Todos os contatos serão feitos por telepatia. Viemos em paz. Nada há a temer. Esta sua impressão de estar leve, flutuando, é porque trouxemos apenas o seu espírito. O seu corpo físico não poderia viajar em nossa velocidade. Por esta razão, ficou no local onde fui buscá-lo; e lá deverá permanecer até a sua volta. Sem o espírito o corpo parece dormir profundamente, e os sinais vitais ficam imperceptíveis; um estado de morte aparente que vocês costumam chamar de 'coma'. Consegue, muitas vezes, confundir os médicos mais experimentados, que diagnosticam

a morte em muitos casos. Quando o espírito retorna ao corpo a vida volta ao normal, e o corpo parece reviver. Na realidade nunca esteve morto. Quando se morre não há retorno. No seu caso, o seu corpo está 'dormindo' no banco do jardim; logo receberá de volta seu espírito e despertará normalmente".

Desapareceu no interior dos raios de luzes coloridas, deixando-me a sós, por alguns segundos, no centro do que eu imaginei ser uma espécie de nave espacial.

Capítulo IX

OS MESTRES

Três figuras exatamente iguais àquela que eu havia encontrado no jardim atravessaram os feixes de luzes coloridas, e vieram ao meu encontro. Tive a nítida impressão de serem clones, tamanha a semelhança entre eles. Adivinhando meu pensamento, um deles me fez entender por telepatia que aquela forma, aproximada à dos seres humanos, era apenas para não me chocar muito. Explicou que a verdadeira forma dos Espíritos de Luz, assumida em outra dimensão desta galáxia, poderia assustar os humanos, ainda despreparados para uma visão real de outra forma de materialização, definitiva e imortal, que a evolução espiritual permite alcançar após sucessivas reencarnações.

"O que desejam de mim?", tentei falar meio assustado, sem escutar o som de minha própria voz.

"É inútil querer falar. A voz é um atributo do corpo físico. O pensamento é atributo do espírito. Basta tão-somente pensar o que deseja dizer. Neste lugar onde agora estamos, o som é dispensável. Mais suave agora é falar através do pensamento. Sinta as nossas vibrações".

Intuitivamente, consegui identificar a origem da mensagem, mesmo sem que nenhum dos três esboçasse o menor movimento facial. Comecei, naquele instante, a encarar a realidade dos acontecimentos: estava diante de seres de outro planeta, ou coisa parecida. Com certeza, da Terra não eram. O medo inicial deu lugar a uma grande curiosidade. Não poderia perder aquela oportunidade, mesmo sendo um incrédulo da existência de outras formas de vida fora da Terra. Alguma coisa estava acontecendo, e era preciso lembrar-me de tudo depois.

"Você está certo", disse um deles. "Não pertencemos ao seu mundo. Formamos um colegiado de espíritos que passaram por várias reencarnações em uma era muito remota, quando existiu na Terra uma civilização anterior muito mais avançada que a atual. Entretanto, seguindo as Leis da Natureza que sempre se repetirão — terremotos, inundações, erupções vulcânicas gigantescas, quedas de grandes meteoros —, esta primeira civilização

avançada desapareceu completamente por ação destes desastres naturais cíclicos, sem deixar vestígios, após uma gigantesca erupção vulcânica que varreu a vida na Terra, cobrindo com enormes camadas de lavas todas as evidências daquela época. Sobreviveram apenas os animais unicelulares que habitavam os antigos oceanos, dos quais a nossa civilização havia se originado.

Através dos conhecimentos que havíamos desenvolvido naquela civilização, após termos passado por sucessivas reencarnações, foi possível que deixássemos definitivamente de voltar a reencarnar, uma vez que a vida no planeta Terra havia se tornado impossível. Assumimos, então, uma outra forma imortal, escolhidos que fomos pela **Luz Suprema Criadora** (se quiserem o vosso Deus), para habitar em um mundo paralelo em outra dimensão. Para entenderem melhor: seria como habitássemos agora um outro Planeta, de outra Galáxia. Também não precisa se preocupar em guardar em sua memória o que agora iremos revelar. Tudo ficará gravado em sua mente para que possa, depois, transmitir nossa mensagem aos seus semelhantes. Quando este nosso encontro terminar vai lembrar-se de tudo, e tudo escrever. Isto é o que lhe pedimos em troca de libertá-lo da possessão do seu amigo Vitinho, como você várias vezes solicitou ao seu ‘anjo da guarda’, na realidade o seu Mentor”.

"A partir de agora, não nos interrompa". A ordem severa, sempre telepática, partiu de outro integrante do grupo.

"Deixe sua mente livre, não pense em nada".

Foi uma ordem firme, inquestionável, impossível de não ser cumprida. Tive a certeza de que veio da figura que liderava o grupo. Imediatamente obedeci, abrindo a minha mente para que eles registrassem nela o que pretendiam comunicar aos meus semelhantes ainda vivos. Na verdade agora eu estava assustado, e queria livrar-me logo daquela situação constrangedora.

"Assim é melhor. A sua incredulidade vai facilitar a nossa comunicação. A pior coisa para um espírito encarnado é deixar-se enganar por falsos conceitos religiosos que ainda existem. O Mentor Dalmo já falou sobre o medo dos castigos eternos que bloqueiam a mente e torna os indivíduos imbecilizados, os impedindo de viver e evoluir. Os crédulos fanáticos renunciam a viver a vida, obcecados e medrosos que estão com o que virá após a morte. O fanatismo e a diversidade de religiões, ainda são

obstáculos para uma perfeita evolução espiritual, obrigando os espíritos inferiores a sucessivas reencarnações. Agora, com a proximidade do Terceiro Milênio, vamos intensificar nossos contatos para passar maior quantidade de mensagens do nosso Mundo Espiritual, com a finalidade de permitir uma melhor vida no Planeta Terra e resgatar a maior parte da humanidade, como nós fomos resgatados na condição de espíritos evoluídos, antes da nova extinção final do Sistema Planetário — que em determinado tempo futuro fatalmente ocorrerá. Será um desastre natural, inevitável, decorrente das transformações que regem as leis do Universo — desastre que hoje vocês denominam de *Apocalipse* ou *Armagedom*. Muito antes que isto venha a acontecer, é nossa intenção intensificar e aprimorar a frequência das vibrações positivas apenas daqueles espíritos encarnados que seguirem nossas orientações, uma vez que a maioria da humanidade está se degradando rapidamente, tornando mais difícil uma redenção total. O que hoje nós observamos é um comportamento do homem voltado para as coisas materiais, e seu afastamento do sentido maior da existência na Terra: o amor ao próximo. Esta postura da humanidade de hoje, associada a uma poluição indiscriminada, somada ao aumento descontrolado da população, vai esgotar a capacidade de sustentabilidade no planeta. Isto agravará ainda mais a fome, as doenças, as guerras com armas cada vez mais letais e, no final, também os grandes cataclismos, que já estão ocorrendo em pontos isolados do Planeta. Quando o novo final dos tempos chegar, dificilmente todos serão redimidos. Está na previsão do maior e mais conhecido profeta inspirado: '*muitos serão os chamados, mas poucos os escolhidos*'.

Apesar de todas essas previsões serem irreversíveis, vamos nos esforçar mais ainda para aumentar o conhecimento dos homens sobre tecnologia avançada através da informática, da engenharia genética, da medicina, da física, da matemática e demais ciências, bem como esclarecer cada vez mais sobre as verdades do Mundo Espiritual, que é a parte mais importante entre as obrigações dos Seres de Luz. Cabe a nós indicar o único caminho de salvação possível: através de atos de bondade e compreensão com os seus semelhantes. Difícil, mas não impossível.

Voltando à parte central de nossas revelações: estamos trabalhando, desde os primórdios desta civilização, passando instruções de nossa dimensão através de ensinamentos espirituais em todas as áreas —

ensinamentos que já estão se intensificando neste século, permitindo uma gama maior de conhecimentos nos variados campos da ciência. Isto já possibilitou, por ora, que grande parte dos atuais encarnados chegassem próximos a uma quase compreensão da origem do Universo através de variadas teorias, destacando-se entre elas a Teoria da Relatividade, que trata da relação espaço-tempo, da força da gravidade, da macroestrutura do Universo. Agora vocês estão engatinhando na ciência da Mecânica Quântica e Nanotecnologia, voltadas aos fenômenos extremamente pequenos. Embora estas teorias sejam impossíveis de existirem separadamente, as novas descobertas já constituem um avanço apreciável. Como a macro e micro teorias são coexistentes, um dia deverão ser unificadas em uma só Teoria da Relatividade Espiritual. As novas descobertas permitirão, nos próximos milênios, o pleno entendimento da possibilidade de vida, não na forma material, mas espiritual, nas outras dimensões paralelas do Universo. Como este assunto é restrito aos meios científicos especializados, com pequena literatura disponível, não deve ser apreciado nesta revelação. Nossa mensagem deve ser colocada de forma simples, para que possa ser entendida. Por esta razão, começaremos gravando em sua mente uma pequena história, rápida, superficial, mas necessária, de como surgiram o Universo, a Terra, a Vida, e os Espíritos. É mais uma história, entre outras milhares que já foram escritas por cientistas iluminados, e também por autores de literatura de ficção. Todas elas com acentuada limitação, contendo pequenos fundos de verdade. São verdades do Plano Espiritual que nós passamos aos autores dentro dos limites da atual compreensão humana — sempre usando a psicografia como meio de comunicação através dos cientistas e escritores inspirados. Com a revelação que fazemos neste livro, usando a sua pessoa como médium involuntário, e também com futuras explicações que serão ditadas por nossos Mentores Espirituais, estaremos preparando a humanidade para o advento do novo milênio”.

E esclareceu: “Para que os leitores deste livro possam entender melhor a origem dos espíritos e sua evolução até o estágio atual, faz-se necessária uma explicação preliminar sobre a criação do Universo e o aparecimento da Vida na Terra. Usaremos, para tanto, uma linguagem simples, didática e **repetitiva**, uma vez que as mensagens ditadas pelo Plano Espiritual, quando psicografadas por autores leigos da Doutrina Espírita, costumam apresentar

incorreções que as tornam confusas, cheias de equívocos e muitas vezes conflitantes, por inabilidade mediúnica do receptor. Também vamos prepará-lo para aceitar duras críticas sobre estes seus escritos, que com toda certeza virão dos mais variados setores religiosos, científicos e literários. Poderão vir com mais intensidade daqueles leitores que se recusam em abrir suas mentes para todos os novos conhecimentos. Serão mais acirrados ainda, quando estes novos conhecimentos se apresentam diferentes daqueles que lhes foram ensinados na infância, ou que foram inculcados em suas mentes despreparadas por falsos pregadores, de diversas formas religiosas que nos dias atuais proliferam na Terra".

Capítulo X

MENSAGEM DOS ESPÍRITOS DE LUZ

Esta narrativa — agora que estou liberto da presença perturbadora de Vitinho — foi gravada em minha memória conforme está reproduzida a seguir. Após eu ter sido devolvido, creio que após minutos, pela estranha criatura ao local do primeiro encontro — o banco do jardim —, fui despertado pelo guarda noturno, um conhecido meu, que se propôs a acompanhar-me até minha casa, por certo achando que eu estava embriagado, tal o estado de dormência que eu ainda experimentava.

Para alcançar a total liberdade das angústias existenciais e espirituais, eu deveria escrever a mensagem dos "alienígenas" — ou "Espíritos de Luz Superiores", como eles se denominaram —, sem nada omitir ou acrescentar. O que segue foi datilografado ou, se quiserem, psicografado — em curto lapso de tempo, mesmo eu não sendo médium —, com possíveis falhas e incorreções. Era como se alguma voz ditasse o que deveria ser escrito e que eu, por inabilidade e desconhecimento, consegui captar na forma que segue. Por esta razão, nada resolvi mudar nem esconder. E muito menos temer.

O COMEÇO

No princípio de tudo o Verbo era uma nebulosa composta de *quarks* e *antiquarks*, ou blocos de micropartículas positivas e negativas (que também podem ser entendidas como pósitons e neutrons). No interior dessa nebulosa, forças poderosas de repulsão eram anuladas por não menos poderosas forças de atração — ambas esmagadas e comprimidas por uma força gravitacional imensurável. Esse estado de tensão contínua criou no centro da nebulosa uma massa com tamanha concentração de energia comprimida, que fez tudo explodir — acontecimento que na Terra hoje é conhecido como *Big Bang* (ou a Grande Explosão), momento em que se deu o início do Universo.

Através da psicografia inconsciente, sempre usando os cientistas e escritores como médiuns involuntários, já transmitimos — em várias fases desta nova evolução humana —, as explicações da origem do Universo e da Vida na Terra, que foram interpretadas de maneiras as mais diversas. Isto possibilitou que hoje existam inúmeras teorias a respeito, com as mais variadas formas de exposição. Porém toda a literatura científica, por extrema cautela de nossa parte, não foi orientada para abordar a criação do ‘*espírito*’ e sua evolução, que a antiga civilização da qual nós outrora pertencemos já conhecia. Seria, para esta nova geração humana, incompreensível, e poderia colocar a ciência em choque com as incontáveis religiões de hoje.

Muitos livros falam acertadamente sobre como a necessidade religiosa surgiu no início das atuais civilizações: as religiões foram criadas pelos primeiros *homo sapiens* no início da idade da razão, por uma falta total de conhecimento que eles tinham para entender os diferentes fenômenos da natureza já citados, até então desconhecidos e que os assustavam muito — incluindo, entre estes fenômenos naturais as nossas visitas constantes à Terra, já naquela época, quando os povos primitivos acreditavam sermos *deuses vindos do céu*. Estes fatos, vistos por aqueles povos como sobrenaturais, deu origem a diversas adorações e rituais, dirigidos a diferentes divindades. Logo, este comportamento religioso despertou a ambição dos habitantes da Terra mais espertos, os quais se apoderaram das diversas formas de religiosidades existentes para transformá-las, cada um a seu modo, em uma doutrina, redirecionando-as para o sagrado. Esta ‘posse’

da religiosidade, ainda mantida por conceitos antigos transformados em 'dogmas' intocáveis e continuam indiferentes à evolução gradativa do homem na Terra, sendo o motivo maior que leva os detentores de lideranças religiosas a atacarem, agressivamente, o conteúdo técnico das exposições científicas que abordam estes temas. Para estes aproveitadores, a verdade sobre nossas origens coloca em risco seus interesses, tanto de sobrevivência como de dominação.

Nos dias atuais, as literaturas científicas explicando a presença de extraterrenos em primórdios da atual civilização ficou por demais técnica, limitada apenas a um círculo restrito de leitores de cultura mais avançada, sem que a grande maioria dos homens de hoje tivesse plena consciência de como tudo começou e evoluiu. Devido a essa falta de consciência e melhor desenvolvimento da cultura como um todo, nossos ensinamentos até agora não alcançaram sua plena finalidade. Diante dessa constatação voltamos novamente a nos manifestar através de um autor desconhecido, usando uma linguagem mais simples, para esclarecer a humanidade sobre os acontecimentos que deram origem ao Universo, à Vida, e aos Espíritos.

A Grande Energia, responsável pela explosão inicial, que transformou a massa comprimida em energia radiante e emergiu do centro da nebulosa após a grande explosão, é hoje conhecida pelos religiosos como Deus. Para nós, espíritos altamente evoluídos, significa a **Luz Suprema Criadora**, que está espalhada por todo o Universo. Esta força está presente no Cosmo há quinze bilhões de anos-Terra. Com a expansão contínua do Universo após o Big Bang, de início houve uma desordem das minúsculas forças positivas e negativas que foram arremessadas ao espaço em alta temperatura, e em todas as direções (desordem essa conhecida pela hoje pela ciência como *entropia*). Com o resfriamento gradativo das forças positivas lançadas ao espaço, começaram a surgir as primeiras matérias sólidas, de início sem um aproveitamento integral da antimatéria. Estas matérias sólidas eram formadas por variadas concentrações de compostos minerais primitivos, originados das inúmeras combinações dos primeiros átomos que haviam se formado em decorrência do já citado resfriamento do Universo. Entretanto, a antimatéria também espalhada junto com a matéria, teria de ser aproveitada de alguma forma. Uma grande parte se transformou em oxigênio e hidrogênio, que se combinaram em um subproduto, a água, hoje essencial à vida. Era urgente e

indispensável a elaboração de um aproveitamento para a sobra de antimatéria, que permanecendo solta no Universo seria “maléfica”. Tornou-se necessário encontrar um meio de aprisionar esta sobra de matéria, e também criar para ela "regras de comportamento". Simplificando: logo após a grande explosão, matéria e antimatéria foram se afastando em altíssima velocidade. Este distanciamento provocado pelo Universo em expansão resfriou a matéria (*quarks*), permitindo o aparecimento de um admirável conjunto de planetas e estrelas, reunidos em galáxias, obedecendo às leis rígidas dos movimentos e órbitas fixas, ditadas pelo campo gravitacional. Faltava encontrar uma forma de aprisionar a mencionada sobra de antimatéria, o que foi feito como veremos a seguir, possibilitando, após bilhões de anos-Terra, a Harmonia do Universo em Expansão — que a ciência hoje já conhece com detalhes próximos à verdade. Dispensamos uma abordagem minuciosa da criação do Universo neste livro, por ser esta uma mensagem dirigida aos humanos leigos das ciências. Nossa preocupação maior está voltada para aqueles que, convertidos por religiões, vivem traumatizados por um medo que lhes tolhe a tão rápida felicidade de viver, neste corpo material de curta duração: são os que acreditam nos castigos espirituais, supostamente existentes no que se convencionou chamar de '*outro mundo*', ou o '*mundo dos mortos*'. Crédulos e medrosos imaginam que, após a morte, a alma (ou espírito) irá sofrer na eternidade as mesmas sensações do corpo carnal no qual habitam temporariamente. Em outras palavras: o espírito estaria sujeito à dor, ao prazer, às emoções, ao castigo, o que é um evidente absurdo.

O que nos cabe agora esclarecer definitivamente para a humanidade é que, na construção do Universo após seu resfriamento, foi usada mais a matéria (energia positiva) do que antimatéria (energia negativa). Em determinada fase deste resfriamento, já com corpos sólidos girando em suas órbitas gravitacionais, restou uma apreciável quantidade de antimatéria que precisaria ter uma finalidade para não ficar perdida, vagando no espaço infinito, prejudicando a ordem natural do Universo recém-formado — cujas leis determinam que todas as forças somadas sejam iguais a zero. Isto só seria possível mantendo a sobra de antimatéria (a energia negativa) aprisionada em algum lugar dentro das três dimensões do mundo que o homem hoje conhece. Vale aqui esclarecer que existem outras dimensões, ou

'*Mundos Paralelos*', que são habitados pelos Espíritos Superiores de acordo com seu grau de elevação espiritual. A antimatéria, ou energia negativa, hoje conhecida também como *energia escura*, por ser uma força imensurável, se não fosse aproveitada iria perturbar a harmonia universal. Para evitar seus efeitos maléficos, deveria ser confinada em invólucro apropriado, anulando seus efeitos destrutivos — única maneira de evitar o desequilíbrio do Universo, permitindo que ele adquirisse a forma como agora vocês o conhecem.

A antimatéria (energia negativa) *repetimos*, era então uma “**força**” a ser subjugada, para não perturbar a Paz Universal. Por não ter massa, se apresentava fluida e invisível — devido a sua composição volátil formada de neutrinos e fototrinos — que a tornava incapaz de assumir uma forma controlada e definida. Isto iria permitir que ela percorresse o espaço infinito na velocidade da luz, em qualquer direção e dimensão. Era urgente ser contida em um recipiente material específico que impedisse sua expansão através das galáxias, perdendo-se no infinito, desequilibrando a soma da energia do universo — em outras palavras: era necessário possibilitar uma condição de limitação caótica. Este desequilíbrio entre matéria e antimatéria foi percebido tão logo a Luz Suprema, ou Força Criadora (se quiserem Deus), iniciou a construção das galáxias usando os átomos formados pelos elementos primitivos que existiam na nebulosa: os *quarks*, blocos primários de construção, que, quando se resfriaram, começaram a se agrupar em diversas combinações — o que foi possível quando as altas temperaturas do universo em expansão começaram a cair vertiginosamente após a grande explosão. Repetindo novamente: esses corpos formados por matéria positiva, só poderiam ter consistência sólida quando os planetas se resfriassem ainda mais — o que estava acontecendo rapidamente, em virtude da expansão inicial já citada estar ocorrendo em velocidade constante.

Em determinado momento a Terra, por estar na órbita mais externa de sua galáxia, resfriava-se mais rapidamente que os demais corpos do Universo primitivo. Foi então escolhida como laboratório experimental: um local que se mostrou propício para a Força Criadora fazer as primeiras tentativas para desenvolver um corpo material específico, diferente dos outros corpos sólidos. Seriam corpos capazes "prender" a antimatéria que vagava livre após a construção do Universo, com a finalidade de evitar seus efeitos nocivos,

transformando esta força negativa em **força espiritual positiva**. Isto só aconteceu após bilhões de anos-Terra do ato inicial da Criação (Big Bang). Sempre que nos referirmos ao tempo, usaremos a expressão "anos-Terra". Vale lembrar que a medida de tempo no espaço é relativa à velocidade da luz, o que torna o tempo terrestre insignificante, quando comparado ao tempo cósmico. A Força Criadora conseguiu, afinal, encontrar a fórmula perfeita: os receptáculos (corpos) deveriam ser elásticos, de aspecto gelatinoso e cobertos por uma membrana protetora impermeável. Esta membrana deveria ser capaz de reter a água que já havia se formado em primitivos “oceanos”, pela combinação de oxigênio e hidrogênio — dois elementos da antimatéria que, apesar de voláteis, possuíam qualidades químicas capazes de serem aproveitadas. A “água primitiva” era uma espécie de “sopa”, já que estava impregnada de aminoácidos, e outros variados minerais que surgiam das combinações dos átomos e posteriormente geraram as proteínas. As primeiras tentativas de construção destes corpos gelatinosos, produziram tão somente recipientes microscópicos, semelhantes aos que hoje vocês conhecem como 'ameba'. Um ser unicelular que surpreendeu por ter a capacidade de se reproduzir, gerando outras células semelhantes. Nesses corpos primitivos e microscópicos a antimatéria restante, após a retirada do oxigênio e hidrogênio, foi aprisionada em pequenas porções. Mais tarde, através de longa evolução, formaram-se corpos maiores onde a antimatéria foi reagrupada em maior volume. Entretanto a antimatéria, desde o princípio, mostrava-se incapaz de ser dominada facilmente. Para seu total domínio, além de aprisionada em um recipiente material, deveria sofrer mutações em seu comportamento e aprimorar sua estrutura, permitindo um maior controle de sua estabilidade no âmbito universal. Este é o fato que deve ser mais bem detalhado, pois trata da criação do *espírito*, a principal finalidade de nossa mensagem.

A formação do Universo com suas galáxias — que a Física explicou bem com a Teoria do *Big Bang* — está bastante fundamentada em livros de grande sabedoria, todos psicografados por renomados cientistas. O que já existe escrito nessa área, por ora é suficiente para orientação da humanidade. Reiteramos que nossa mensagem está dirigida às origens do Mundo Espiritual e ao futuro da humanidade, e não para entrar em complicados conhecimentos científicos.

Capítulo XI

O APARECIMENTO DA VIDA

“Para um melhor entendimento da origem da vida convém repetir que, logo depois de formado o Universo, a Terra, por estar na parte mais externa de sua galáxia e bem distante do Sol, foi se resfriando mais rapidamente que os outros planetas, revelando-se um ótimo incubatório, ou criadouro, para que a Força Criadora pudesse iniciar sua missão de aprisionar a antimatéria que sobrou após a formação do Universo. É preciso, então, colocar agora, de forma definitiva, o equívoco da 'Teoria da Geração Espontânea', e a dos 'Esporos' vindos de outros planetas — teorias tão difundida tempos atrás, por terem sido psicografadas por autores perturbados, e que hoje estão superadas.

Na verdade, houve um determinado momento em que a Terra atingiu um ponto ideal de temperatura, pressão e umidade, **que nunca mais se repetiu e jamais irá se repetir**. As contínuas tempestades que ainda assolavam o *planeta-incubatório*, facilitou a fusão dos átomos já existentes — que se originaram de variadas combinações de quarks liberados da grande nebulosa inicial, com interferência decisiva de poderosas correntes elétricas, somadas aos raios ultravioletas provenientes do Sol. Nas condições favoráveis da Terra, dentro da “sopa”, os átomos começaram a se aglomerar combinando-se em formas variadas, possibilitando o aparecimento dos primeiros compostos químicos diretamente ligados à formação da vida como a conhecemos: os aminoácidos, as proteínas, e os ácidos nucleicos ou RNA, depositários da herança genética primitiva. A aglomeração de átomos em diversas cadeias diferenciadas facilitou a formação de moléculas — estruturas formadas por átomos ligados através das camadas externas dos elétrons —, que continham enzimas, proteínas e demais estruturas primárias microscópicas, envolvidas por uma membrana externa resistente que retinha água, tornando-as, com a evolução, capazes de se agregarem e até se multiplicarem. Tudo isso aconteceu nos oceanos primitivos, onde também surgiram novas formas de vida: as algas, que metabolizavam o carbono da atmosfera através da fotossíntese liberando mais oxigênio — um gás que

depois se mostrou indispensável à vida como a conhecemos —, modificando a atmosfera primitiva da Terra. Essa incessante combinação de átomos culminou com o aparecimento de compostos unicelulares, como dissemos de início, recobertos com uma membrana, capacitados a reter água e gerar cópias idênticas. Isto só foi possível naquele citado instante favorável pelo qual a Terra não mais passará. A vida primitiva surgiu, repetindo novamente, na mistura de compostos orgânicos, no meio líquido conhecido pelos cientistas como "sopa de argila". Nesta "sopa" (os oceanos primitivos), um produto unicelular inicial, ancestral da ameba, mostrou-se ótimo receptáculo para aprisionar minúsculas porções da antimatéria. Por outro lado, a reprodução dessa *ameba* primitiva era extremamente rápida, gerando outros indivíduos iguais em forma e comportamento, graças ao RNA e depois o DNA — códigos genéticos com mapas de reprodução e características peculiares de cada espécie. O DNA (ácido dioxirribonucleico) está presente até hoje nas variadas formas de vida que surgiram posteriormente, até o aparecimento do homem. Voltando às primitivas *amebas*: como esses pequenos corpos tinham um ciclo de vida finito, após a morte de cada uma era necessária a reintrodução das pequenas porções de antimatérias nelas aprisionadas em novos corpos que iam nascendo — o que foi possível usando os novos corpos que eram gerados dentro das colônias. Com a reintrodução sucessiva das porções de antimatéria liberadas dos corpos que morriam para os corpos que nasciam, estava criada a forma rudimentar da "alma" ou "espírito", e estava consolidada a forma inicial de reencarnação.

A presença da antimatéria em mutação nos diversos ciclos reprodutivos das "*amebas*" primitivas, se constituiu em um fator essencial para que nelas surgissem os primeiros sinais de vida, dando a largada inicial para a evolução das espécies. Em outras palavras: a antimatéria aprisionada nos corpos primitivos, combinada com a matéria então orgânica em evolução, deu origem a seres animados capazes de se reproduzirem em grande escala, possibilitando o aprisionamento de mais antimatéria, e assim sucessivamente. Através dos tempos — bilhões de anos-Terra —, com as mudanças constantes que estavam ocorrendo na atmosfera do planeta, outros corpos maiores e mais resistentes se desenvolveram. Isto se deu através das novas reorganizações que apareceram em decorrência das sucessivas alterações do meio ambiente — já com a presença do oxigênio, elemento

químico fundamental para a transformação dos nutrientes em energia. Visto que todos os elementos vivos sempre foram eternos predadores, parasitas de outras formas de vida, cada espécie ocupou uma posição na cadeia alimentar, e o oxigênio se tornou indispensável a todos os organismos vivos para fornecer energia para o corpo.

Para proteção do indivíduo unicelular surgiram agrupamentos desses seres microscópicos em colônias — o que se mostrou indispensável à sobrevivência da espécie, ainda frágil e perecível. Nas colônias que foram aparecendo através desses agrupamentos, determinados grupos começaram a ser treinados para funções específicas, cada um deles se especializando em uma tarefa distinta, essencial para a sobrevivência e continuação da espécie. Após bilhões de anos-Terra de contínuo aperfeiçoamento em suas funções, cada grupo transformou-se em órgão especializado a exercer um trabalho, de tal modo que cada colônia acabou fundindo-se em corpos maiores, ainda dentro dos enormes volumes de água que formaram os oceanos — onde surgiram as primeiras formas de vida visíveis, ancestrais das formas que hoje conhecemos. Ao mesmo tempo, as pequenas porções de antimatéria contidas em cada *ameba* primitiva fundiram-se em um plasma etéreo maior, já com uma acentuada evolução, menos rebelde que no início, transformando-se na parte fluida e invisível do corpo, conhecida hoje vocês como *espírito* ou *alma*.

Como dissemos em relação à criação do Universo, o surgimento do corpo físico humano está bastante explicado em livros científicos, todos psicografados involuntariamente por inúmeros cientistas em diversas épocas, através de mensagens passadas pelos Mentores — sempre orientados pela sabedoria dos Mestres Benfeitores. A parte espiritual, especificamente voltada à criação e evolução dos espíritos — motivo central desta revelação — é a que tem sido divulgada de forma velada e restrita. Somente um pequeno número de médiuns altamente evoluídos, que estão em constante sintonia com a nossa dimensão, obtiveram esse conhecimento e estavam proibidos de os divulgar — por se tratar de revelações periódicas que o Plano Superior vem fazendo cuidadosamente, apenas para os espíritos reencarnados em estágio final de evolução. Até então, entendíamos que a humanidade não estava preparada para receber tais ensinamentos. Com a proximidade do Novo Milênio resolvemos transmitir — na forma mais

simples possível, para entendimento dos leigos —, a história da criação do Universo, o aparecimento da Vida e, pela primeira vez, a criação do Espírito.

Assim como existem várias teorias sobre a origem do Universo, também existem inúmeros relatos sobre a origem da vida descritas por renomados cientistas; destacamos as colocações de Darwin que, apesar de não ser médium, senão involuntário, soube bem expressar como ocorreu a evolução das espécies, até o aparecimento do chamado *Homo sapiens* — um animal que, apesar de dotado de inteligência, ainda tem muito a evoluir e muito a aprender. Portanto, no momento, a **Teoria da Evolução das Espécies**, psicografada por Charles Darwin, é suficiente para esclarecer o aparecimento da raça humana. Sobre a origem dos espíritos, deixamos como primeira explicação rudimentar a que está publicada neste livro. A nossa mensagem, insistimos, não deve se prender ao passado, mas sim ao futuro da humanidade; por extensão, ao futuro da Terra como um todo — visto ser a Terra o único lugar no Universo onde pode existir "vida", na forma como é conhecida neste planeta. É também o único lugar onde a alma, ou espírito (a sobra da antimatéria inicial), poderá evoluir cada vez mais através da reencarnação em outros corpos, melhorando as frequências de suas vibrações, até atingir um grau elevado que permitirá sua materialização definitiva em outras dimensões. Isso deverá ocorrer antes dos próximos cinco bilhões de anos-Terra, quando a energia do Sol vai se esgotar, ou antes que cataclismos inesperados venham a extinguir todas as formas de vida.

Capítulo XII

ALMA OU ESPÍRITO?

Não importa a terminologia. São duas palavras com um único significado: porção de antimatéria não usada na criação do Universo, que foi aprisionada em corpos materiais primitivos, capazes de se reproduzir e que evoluíram juntos (matéria e espírito), dando origem às diversas espécies de animais .

Para não muito nos alongar, não descreveremos a segunda etapa do desenvolvimento da vida na Terra, quando os primeiros seres se aventuraram fora da água dando origem aos primeiros répteis e enormes dinossauros, que também foram eliminados por um acidente conhecido: a colisão de enorme meteoro com o planeta terra. Desta catástrofe, sobreviveram só pequenos répteis aquáticos, pequenos roedores escondidos em cavernas no interior da terra e uma outra espécie em evolução: os mamíferos. A vida, em sua essência da criação, apesar deste enorme cataclismo, sobreviveu. Existe enorme literatura que relata este fato com precisão.

Uma ramificação desses animais mamíferos evoluíram de forma diferenciada, constituindo o grupo dos primatas. Este grupo desenvolveu um sistema nervoso mais sofisticado, comandado por um cérebro que se transformou em órgão essencial para sua sobrevivência. Entre os primatas, um grupo que até então vivia no topo das árvores, por curiosidade e necessidade de sobrevivência, se destacou no uso do cérebro em formação. Aventurou-se no solo, onde aprendeu a adotar uma postura bípede para liberar as mãos, facilitando a colheita de alimentos e, depois, o uso de ferramentas rudimentares. Surgiram os primeiros hominídeos. Além de adotarem uma postura bípede, abrigavam-se em cavernas para se protegerem das intempéries, e usavam paus e pedras como armas rústicas de defesa. Essa conduta logo diferenciou estes hominídeos das demais espécies, chamando a atenção da Força Criadora — que continuava seu trabalho, agora procurando uma maneira melhor de acelerar a evolução da antimatéria, em busca da perfeição. A longa experiência havia demonstrado que isso só seria possível através de um corpo que apresentasse uma evolução proporcional à do

espírito. A solução encontrada foi reunir toda a antimatéria — até então espalhada em porções menores nos corpos dos animais vivos —, redistribuindo-a, em porções maiores, apenas nos corpos dos hominídeos. Esse fato revolucionou a evolução da espécie, possibilitando chegar à forma inteligente de vida conhecida como Homem — hoje o único animal que abriga porções da antimatéria, já evoluída e transformada em espírito.

Mais um esclarecimento necessário: a antimatéria — agora espírito —, por não ter massa, tem a propriedade de se dividir, sem perder a sua essência espiritual. Essa peculiaridade permitiu que, mesmo com o aumento constante da população dos humanos — hoje muito próxima a sete bilhões de indivíduos —, os espíritos fossem divididos em porções menores, na proporção exata do índice de crescimento dos já '*homo-sapiens*'. Nunca houve, nem haverá, a necessidade de se criarem novos espíritos (almas), diante da rápida proliferação da raça humana — mesmo porque isso seria impossível, por não haver mais antimatéria livre em disponibilidade após a criação do Universo.

Resumindo: uma única forma de vida, os primitivos hominídeos, ficou com a herança espiritual. Este fato ocorreu porque, nos primórdios da Criação, quando a Força Criadora aprisionou pequenas porções de antimatéria em minúsculos corpos animados, um fenômeno conhecido como Seleção Natural — decorrente de mudanças constantes do meio ambiente —, provocou a extinção de várias espécies de vida. Sobreviveram apenas os mais fortes e aqueles corpos que tinham melhor capacidade de adaptação. Diante desse fato novo, a Força Criadora não teve outra saída senão aglutinar uma maior quantidade de antimatéria nos corpos maiores e mais resistentes.

Em certo período da evolução, com o aparecimento dos grandes macacos — dotados já de um cérebro volumoso que os permitia resolver, de forma rústica, os problemas de sobrevivência —, a Força Criadora vislumbrou a possibilidade de fazer com que um de seus ramos mais perfeitos evoluísse ainda mais, alcançando a inteligência; usou para isso uma maior concentração de antimatéria, já com alguma evolução, nos corpos dos primatas selecionados. A experiência deu certo, como já explicamos exaustivamente. Com essa nova arma de sobrevivência, o animal-homem primitivo se distinguiu dos demais seres vivos da natureza. Tornou-se a única espécie na face da Terra a abrigar em sua linhagem todas as porções de

antimatéria — até então espalhadas de forma homogênea nos corpos dos demais seres viventes. Por essa razão, o homem é hoje o único animal que herdou a antimatéria inicial, alcançando um estágio superior ao dos demais animais através da alma ou espírito. Todos os outros seres vivos hoje existentes tornaram-se inferiores, destituídos de qualquer resquício do '*espírito*' rudimentar que outrora seus antepassados possuíam.

Aparentemente, as etapas seguintes da evolução espiritual e o resgate dos espíritos no final dos tempos — objetivo primordial da Criação — seriam facilitados com a concentração de toda a massa espiritual no âmbito da raça humana, resolvendo o antigo problema de educação da antimatéria, até então dificultada pela enorme dispersão de porções primitivas de espíritos rudimentares entre todos os demais seres vivos.

Parecia uma solução simples e definitiva, não se tornasse o homem um animal complicado, justamente por ter adquirido o maior atributo da Criação: a inteligência, que se desenvolveu no principal órgão do corpo humano: o cérebro. A fórmula **cérebro + espírito = inteligência** gerou o livre-arbítrio, seguido de outras implicações inesperadas. O homem, que quando ainda macaco já conhecia instintivamente a dor, o prazer, o medo, desenvolveu, com o atributo da inteligência, outras sensações corporais que se somaram às primitivas: amor, ciúme, ódio, inveja, belicosidade consciente, ambição, poder, e as mais variadas formas de emoções — que aliadas aos benefícios proporcionados pelo desenvolvimento tecnológico e científico, determinaram mudanças radicais no comportamento humano. Isto exigiu uma mudança de conceito no Plano Espiritual em relação à reencarnação — provocando alterações radicais na forma até então estabelecida, quando o espírito era reencarnado no momento da concepção.

Entre as diversas modalidades de prazer, a principal e mais antiga, essencial à continuidade da espécie, conhecida como '*prazer sexual*', imprescindível para a continuação da vida, foi a modalidade mais desvirtuada pelo homem civilizado. Usando o livre-arbítrio, contrariou as leis da Natureza, desenvolveu anticoncepcionais e intensificou a prática do aborto, libertando o ato sexual de sua consequência natural: a gravidez. Paralelamente, a ciência descobriu o segredo da fecundação *in vitro*, criando o bebê de proveta e, mais recentemente, com o desenvolvimento da biogenética, os cientistas montaram um banco de embriões, no qual os

protótipos de vida são conservados em baixas temperaturas e mais tarde aproveitados; chegaram ainda perto do segredo da vida, com a descoberta da inseminação artificial e da clonagem. Diante desses fatos inesperados, houve um consenso no Plano Espiritual quanto à necessidade de se rever o momento exato em que o espírito seria reencarnado. Conclusão unânime dos Espíritos de Grau Supremo: a reencarnação dar-se-ia, a partir do século vinte e um, posteriormente ao nascimento do feto.

Essa inovação no Mundo Espiritual trouxe benefícios aos espíritos em evolução. Ao invés de assumirem o embrião no momento da concepção, como acontecia no início,— momento em que o espermatozoide penetra no óvulo —, os espíritos que ainda necessitam da reencarnação para aprimoramento passaram a ficar ao lado do corpo da gestante, junto com o anjo da guarda (Mentor) da futura criança, observando o crescimento do embrião e o nascimento do feto. Só após o nascimento é que o homem passou a receber o espírito — que reencarna no recém-nascido imediatamente após o choro vital. Preserva-se, com esta nova sistemática, o desgaste com reencarnações inúteis na vida intrauterina, muitas vezes interrompida por aborto, por morte natural, ou má formação do feto no útero materno. Em futuro próximo, a humanidade deverá rever os conceitos sobre a vida espiritual, estabelecendo novos parâmetros para determinar quando a vida realmente se inicia.

Convém lembrar que o óvulo feminino tem a aparência da primitiva *ameba* que originou a vida; e o espermatozoide, o formato de um minúsculo girino, ou alevino de peixe, com todas as características de nossa origem marinha. O embrião — produto da fecundação que depois vai se transformar em feto —, no curto período de nove meses passa por todas as alterações sofridas durante os bilhões de anos-Terra de evolução, dentro de uma bolsa de água que se forma no útero materno — uma miniatura dos oceanos primitivos. A aparência humana do feto só após meses de sua concepção e se define quando está próximo o seu nascimento. Isto ocorre pela presença no feto do DNA, ácido desoxirribonucleico — uma molécula existente nos seres vivos desde a sua criação, que traz todas as informações genéticas das espécies e todas as transformações pelas quais passaram seus ancestrais. Também é mais um motivo, por razões já descritas, de o espírito ser

dispensável durante a gestação de uma nova forma de vida — por estar o embrião em mutação constante no ventre materno.

Sabemos que estamos colocando um conceito perigoso, polêmico, assustador. Porém o fazemos por ser um aspecto de crucial importância para a redenção dos espíritos no final dos tempos; é, neste momento, uma revelação necessária e inadiável, para que os homens possam compreender as mudanças profundas que ocorrerão na Terra após o advento do Terceiro Milênio, como explicaremos a seguir.

Capítulo XIII

A MENSAGEM FUTURISTA DOS SERES DE LUZ

Caros irmãos terráqueos: breve vocês entrarão no século vinte e um. Entretanto verificamos que, até agora, poucos foram os espíritos capazes de atingir um melhor estágio de evolução (melhorar suas vibrações em direção ao bem), mesmo estando próximos do Terceiro Milênio. Isto vem demonstrar que a antimatéria, que evoluiu até ser transformada em espírito (ou alma), ainda traz a rebeldia inicial, claramente evidenciada pela conduta insana que se verifica em vários segmentos de todos os povos. Ambição, inveja, crimes hediondos, guerras, apego ao dinheiro e coisas materiais, falsos profetas, religiosos sem escrúpulos, políticos corruptos, terroristas fanáticos, assassinos insensíveis e frios. Todos com comportamentos indignos, inadmissíveis, presentes ainda em corpos que abrigam espíritos mesquinhos e rasteiros, carentes de uma melhor evolução que os oriente para a prática do bem e ao respeito com os seus semelhantes. São esses espíritos que anulam as vibrações positivas que existem no Planeta, emanadas por uma minoria de espíritos bondosos e evoluídos, ainda encarnados.

Essa conduta insensata é própria de espíritos que não evoluíram e estão agarrados à vida e seus prazeres; isto impede um desencarne tranquilo na hora da morte física, obrigando-os a novas reencarnações, atrasando o resgate espiritual da humanidade. No momento da morte do corpo físico, esses espíritos insistem em permanecer no mundo dos vivos, presos pelos liames que os ligavam à matéria. São esses espíritos, como já foi dito anteriormente pelo Mentor Dalmo, que ficam vagando na esfera terrestre atormentando os viventes. Por tudo isso é que a nossa preocupação, agora, está voltada para os espíritos hoje encarnados de difícil evolução, os quais estão atrasando a redenção da humanidade.

A solução encontrada pela Força Criadora foi orientar-nos, como seus servos imediatos, para revitalizar — antes de cada reencarnação por nós selecionadas — os espíritos que iriam habitar alguns dos corpos sadios escolhidos para uma nova experiência de evolução no plano espiritual.

Muitos dos novos corpos que nascerão no início desta nova era que se aproxima, possuirão as vibrações positivas melhoradas nos espíritos que irão habitar esses corpos. Os escolhidos que nascerão no próximo milênio, formarão as gerações que chamaremos de nova “elite” espiritual. Muitas das crianças nascidas a partir do ano 2.000 (no calendário terrestre), serão concebidas com seus códigos genéticos (DNA) modificados e seus espíritos (almas) de frequência renovada. Somente serão reencarnados, após rigorosa seleção, os que atingirem o melhor grau de evolução no Plano Espiritual.

De início em número ainda reduzido, por se tratar de uma experiência da Força Criadora visando melhorar a conduta do homem na Terra, essa nova geração de seres evoluídos está espalhada por todos os países. Serão seres especiais que poderiam ser classificados, para melhor entendimento, como descendentes diretos dos Espíritos Superiores (na vossa linguagem, descendentes dos extraterrenos ou alienígenas). Em número a princípio razoável, essas novas criaturas irão, quando adultas, ocupar os postos de comando mais importantes, em todos os setores, substituindo aqueles que hoje estão encarnados e ocupando postos de mando — e que se mostram incapazes de exercer esse poder maior sem conter suas ambições pessoais. Pela mesma razão, os descendentes diretos dos hoje detentores dos poderes passageiros e seus aliados — todos impuros — não mais irão ocupar os cargos por sucessão, como vem acontecendo em todas as áreas da atividade humana desde épocas remotas. Isso, no entanto, só será observado após as duas primeiras décadas do novo milênio, no ano de 2.020, quando esses seres especiais atingirem a maturidade plena. Só então começará a desaparecer a tirania em seus principais modelos: social, político e religioso. Por interferência direta desses futuros novos habitantes do planeta Terra — que terão total liberdade de contato com a nossa dimensão —, mais rápidos serão os avanços tecnológicos e humanitários que iremos permitir. A humanidade vai mudar o comportamento individualista, de acentuado egoísmo, aceitando a ideia de comunidade global, quando todos terão direitos iguais — condição básica para que os espíritos atrasados possam evoluir e, em curto período, alcançar um estágio superior que permita sua entrada definitiva em outras dimensões paralelas do Universo, assumindo um corpo imortal.

Capítulo XIV

AS MUDANÇAS

Como já previam as escrituras sagradas de várias religiões e, muito antes, os escritos egípcios e demais hieróglifos, os deuses que vinham "do céu", para ajudar os povos antigos, deverão voltar à Terra para a redenção da humanidade. Estas mensagens foram reveladas nas mais diversas formas, em todas as regiões do planeta — sendo, por sua complexidade, entendida de forma equivocada pela leitura diferenciada de profetas, sacerdotes e pregadores despreparados, que usaram, e ainda usam, a religião como meio de vida. Existem interpretações honestas, próximas à verdade, em livros científicos e de pesquisas, baseados em trechos de Escrituras Sagradas e demais documentos dos povos primitivos. A passagem da Torre de Babel, quando a Força Suprema Criadora (Deus) teria confundido a linguagem dos homens, é uma parábola que ilustra bem as interpretações equivocadas das mensagens espirituais desde épocas remotas.

Assim aconteceu porque, cada povo — com seus usos, costumes, linguagens e tradições —, possuía diferentes graus de entendimento. A cada um deles o Plano Superior passou a mesma mensagem através dos Espíritos de Luz de Grau Supremo, os Benfeitores, que vinham ao planeta Terra em suas "naves de luz", sempre comunicando-se com uma linguagem bem simples, usando uma simbologia adequada aos diversos misticismos desses povos e ensinando a eles diferentes os domínios de várias ciências. Infelizmente a humanidade usou erroneamente o livre-arbítrio, alcançado com o desenvolvimento da inteligência, para deturpar as mensagens e delas tirar proveito próprio, em formas variadas de religiosidade — todas estruturadas no medo de castigos e sofrimentos em uma 'outra vida' após a morte. Tais equívocos serão desfeitos em breve, através dos espíritos evoluídos que estão se incorporando nas criaturas especiais, nascidas no início desta década, e futuramente espalhadas por todo o mundo. A redenção se dará através da vinda de vários "Messias", que surgirão anônimos em

diferentes pontos da Terra, com diferentes missões — que executarão de forma discreta, mas eficiente, sem nada pedirem em troca.

Mesmo os espíritos que agora estão sendo reencarnados, ainda que sem um grau de evolução satisfatório, antes da nova reencarnação foram submetidos a um treinamento no Plano Superior — o que lhes permitirá acompanhar as mudanças do novo milênio sem atrapalhar os trabalhos dos espíritos mais evoluídos. Será o início de uma longa era de bonança e compreensão que beneficiará toda a Terra; as frequências espirituais estarão formando a harmoniosa sintonia Humanidade-Universo. Nós, do Plano Superior, manteremos um contato constante com essas novas gerações através da mediunidade, da psicografia e também de contatos visuais. Não haverá mais este medo de agora com relação aos 'alienígenas' (Espíritos de Luz Superiores), uma vez que todos compreenderão que nossa missão é de paz e redenção — pois todos os espíritos (almas) estão sendo orientados no Plano Espiritual, antes de nova reencarnação, para conviverem no seu novo corpo dentro da paz e harmonia que reinará em toda a Terra, com o advento do Terceiro Milênio.

Capítulo XV

BIG CRUNCH: O FIM DO UNIVERSO

Da mesma forma como aconteceu o *Big Bang*, a explosão inicial que deu origem ao Universo, acontecerá também o *Big Crunch*, (Apocalipse ou Armagedom) se não for pela ação do próprio homem, poderá acontecer por desastres naturais, como já aconteceu no passado. Em última instância, se por sorte nada acontecer, fatalmente a extinção irá ocorrer após cinco bilhões de anos-Terra a contar do ano 2.000, quando o Sol extinguirá toda a sua energia e essa galáxia irá desaparecer. Muito antes, as transformações que acontecerão no meio ambiente do vosso planeta pela ação do homem, poderão, ou não, determinar o desaparecimento de todas as formas de vida. Diante dessas colocações, que obedecem uma ordem natural inevitável, recebemos orientação da Força Criadora para acelerar o aperfeiçoamento de todos os espíritos, com a finalidade de que possam, antes do desaparecimento definitivo homem, trabalhar para que consigam alcançar um estágio superior de evolução que lhes permitirá viver no Plano Espiritual, não mais na Terra. Para tornar isso possível, todos os espíritos passarão por intensa reaprendizagem em nossas várias dimensão até alcançarem o estágio final de aperfeiçoamento — quando serão reencarnados num corpo imortal, em outro plano paralelo, passando a viver eternamente junto com a Força Criadora. Quem por muitas vezes morrer, verá”.

Capítulo Final

DELÍRIO OU REALIDADE?

Os fatos aqui narrados ocorreram a partir no ano de 1995 e, como não poderia ser diferente, introduziram um forte elemento de conflito nos meus conceitos, além de criarem dúvidas sobre a possibilidade de existência da alma (ou espírito) e dos extraterrestres, como Espíritos Superiores. O tormento que experimentei à época em que supostamente o espírito de Vitinho tanto me aborreceu — colocando em risco inclusive o meu casamento — terminou por completo depois do “encontro” com os extraterrenos. Como haviam prometido, libertaram-me da "possessão". Desapareceram todos os sintomas noturnos de alcoolismo, que tanto irritaram minha mulher a ponto de quase haver uma separação: o suor fétido e o mau hálito, o gosto ruim da boca, a ressaca inexplicável. Voltou a tranquilidade de poder escrever livre de "interferências" constantes, que a Doutrina Espírita classifica como "espíritos possessivos".

Ficou, entretanto, uma incerteza que irei amargar até o final de minha existência: existe vida espiritual após a morte? Difícil para um agnóstico convicto afirmar que sim. Ao mesmo tempo seria uma incoerência muito grande dizer que não, depois de tudo o que aconteceu. Principalmente após o encontro com os Seres Superiores — que até agora não cheguei à conclusão se foi real ou resultou de algum pesadelo — visto esse "encontro" ter ocorrido, digamos, espiritualmente, quando eu me encontrava ausente de meu corpo. Uma experiência que não me foi dada vivenciar fisicamente, deixando dúvidas quanto à veracidade dos fatos, quando examinados à luz da razão. Então, fico a pensar se não teria sido apenas um delírio literário com um realismo assustador. Mas, se fosse mesmo apenas um delírio, como foram resolvidos os problemas reais que tanto vinham me atormentando? Naquela época eu não estava apenas psicologicamente abalado. Os acontecimentos haviam tomado proporções que desequilibraram, além do controle emocional, a rotina do meu trabalho — evidenciando, de forma cristalina, que alguma coisa anormal estava comprometendo minha vida familiar e minha liberdade individual. Esse estado de coisas não poderia

simplesmente ser creditado a um estado de estresse temporário, como diagnosticou o psicólogo que consultei na ocasião.

Mesmo restabelecido emocionalmente continuo a ruminar uma incógnita: a escolha da minha pessoa, agnóstico convicto, como porta-voz de mentores espirituais, seria coerente com a doutrina espírita? Após reler inúmeras vezes as mensagens do espírito de Dalmo e do médium que o recebia — posteriormente validadas pelas explicações dos Espíritos de Luz Superiores —, cheguei a acreditar que isso tenha sido possível; provavelmente por não trazer em minha mente preocupações de ordem espiritual extraterrenas ou conceitos religiosos castradores, como as mensagens enfatizaram. Por eu não seguir nenhuma religião e viver despreocupado com relação à vida eterna, talvez tenha sido o escolhido como o veículo ideal para passar as mensagens, sem conflitos de consciência que pudessem se traduzir em bloqueios às revelações. Por outro lado, como descrente me pergunto: não ocorreria também o mesmo bloqueio por eu não acreditar na existência da alma ou espírito? De certa maneira, acho que sim. Tanto que, de início, relutei em aceitar o que estava acontecendo como sendo obra do sobrenatural. E ainda reluto.

Mesmo depois de ser apresentado ao médium por um amigo, via com certa reserva as sessões de psicografia — ocasião em que o espírito de Dalmo se manifestava passando mensagens do além. Era demais para minha cabeça conceber espíritos de pessoas mortas "falando" através de homens normais, dotados de mediunidade. Ainda hoje, depois de todos os relatos deste livro, a dúvida permanece. Embora tente me convencer de que esta é tão-somente uma obra de ficção, pergunto-me como consegui imaginar tantos fatos que me eram desconhecidos. A ficção é baseada na imaginação fértil do escritor, aliada aos conhecimentos adquiridos ao longo da vida através da leitura, e do aprendizado natural. Nunca havia me interessado pela Doutrina Espírita, Ufologia, existência de vida em outros planetas. Mas, para meu espanto, os entendidos consultados me asseguram que o conteúdo do livro tem revelações de inegável importância para o conhecimento da vida espiritual, embora possua trechos por demais repetitivo e muitas colocações confusas. Mesmo assim, me disseram eles, eu havia conseguido ir além do esperado para um simples escritor. Mais além do que até então havia sido revelado a médiuns altamente desenvolvidos e experimentados.

Minhas preocupações estavam, antes desses estranhos acontecimentos, voltadas para o homem e sua breve existência na Terra — que se extinguiu, na minha opinião, após a morte. É certo que, oriundo de uma família católica ao extremo, quando criança fui obrigado a engolir os preceitos religiosos que compreendiam a leitura da Bíblia mais os ensinamentos do catecismo, com os conceitos de pecado, céu e inferno, castigos eternos. Isto foi por demais pernicioso para minha formação. Tanto que, aos vinte anos de idade, tomei a decisão de apagar tudo de minha memória para poder viver em paz, sem a aniquiladora censura religiosa que tanto restringiu minha conduta na adolescência. Ao me desligar dos conceitos religiosos e do temor do desconhecido, passei a olhar o mundo com total liberdade, respeitando os direitos dos meus semelhantes e exigindo que os meus direitos também fossem respeitados. Um "viver e deixar viver" mais aprimorado, quase alcançando o célebre "amai o próximo como a ti mesmo" — muito apregoado, mas pouco praticado.

Por que eu?

Aos vinte e cinco anos me casei com a pessoa ideal: não trouxe para a nossa relação conceitos religiosos. Se os tinha, não os colocava em evidência exigindo que praticássemos qualquer forma de religiosidade. Evidentemente, muitas vezes conversamos sobre a nossa conduta com relação à formação religiosa de nossos futuros filhos — como complemento da educação escolar e também como um meio de aceitação perante a sociedade. Decidimos que, quando os filhos viessem, deixaríamos a decisão para eles, quando adultos. Assim aconteceu. Apenas para não magoar a família — e para cumprir as exigências sociais —, casamo-nos na Igreja Católica e batizamos as crianças. Depois disso, em casa nunca procuramos transmitir conceitos sobre pecado, vida espiritual ou coisa semelhante. Tivemos um casal de filhos, cada um com suas próprias convicções religiosas — se é que eles hoje as têm.

Passaram-se trinta anos, minha filha mais velha casou-se, e eu já era avô de duas netas maravilhosas. Também havia publicado três livros de poesias e crônicas, e trabalhava como redator de um jornal de minha cidade. As atividades de escrevente do Fórum em São Paulo durante doze anos, datilografando audiências, somadas às atividades literária e jornalística posteriores, fizeram com que eu me tornasse exímio datilógrafo e, no conceito de pessoas de crédito, era "um redator nato". Tinha facilidade tanto para transmitir meus pensamentos como para colocar com clareza as notícias no jornal. Tais habilidades, segundo os espiritualistas, fizeram-me o escolhido para portador da mensagem dos extraterrenos, independentemente da minha descrença. Acatei essa explicação com a necessária cautela, embora persistam perguntas para as quais até agora não tenho respostas: teria sido tudo isso simples coincidência dentro de uma criação literária, ou uma lição dos Seres Superiores pelo meu agnosticismo renitente? Posso acreditar no que escrevi, sem passar a crer na existência da alma e de uma outra vida após a morte?

Sim – e não. Refugio-me na dúvida, acreditando ter escrito uma obra de ficção, num momento de aflição. Ou num momento de possessão? Só o tempo, talvez, poderá revelar o que realmente aconteceu.

